



RICARDO COELHO

O desenvolvimento dos dons promove a edificação espiritual e a potencialização da missão

PLANEJAMENTO

Grandes coisas acontecem quando a igreja avança unida e integrada para salvar

DISCIPULADO

Como utilizar as ferramentas digitais para alcançar pessoas para Cristo

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 16,28



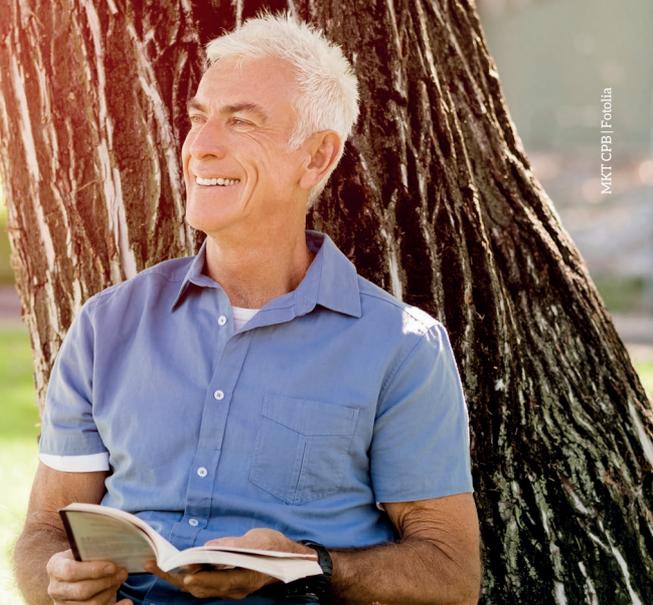
EQUIPADOS PARA SERVIR

A importância dos dons espirituais para o aperfeiçoamento e a expansão da igreja

NOV-DEZ - 2019



CURSO DE LEITURA 2020



CRIANÇAS E AVENTUREIROS

6 a 9 anos

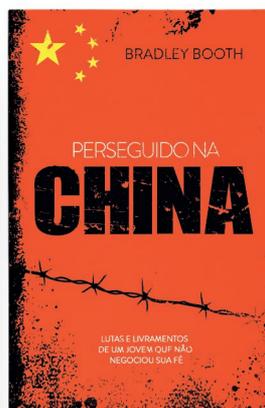
O que acontece nessa casa que a transforma em um lar feliz? Bruno e Nina vão contar tudo para você. Esta obra é uma indicação de leitura muito agradável tanto para pais quanto para filhos, e mostra que é possível ter um lar cheio de alegria e amor, um refúgio de paz e harmonia.



JUVENIS E DESBRAVADORES

10 a 15 anos

Violeta perdeu a melhor amiga Elaray, com apenas 13 anos, em um acidente de carro. Após receber a caixa de pertences secretos de sua amiga, a menina encontrou um Caderno de Objetivos Semanais. Havia ainda um objetivo não riscado, em parte por sua causa. E agora? Ela cumpriria o último objetivo da lista? E que objetivo seria esse?



JOVENS

Imagine-se em um país onde é proibido louvar a Deus, reunir-se para estudar a Bíblia ou declarar-se cristão. É nesse contexto que a graça divina se manifesta de forma mais evidente e poderosa. Conheça o testemunho inspirador de um missionário que, mesmo preso, não ousou desistir de sua missão.



UNIVERSITÁRIOS

O livro descreve como, pelo uso consciente e correto do livre-arbítrio, Jesus Cristo conseguiu restaurar a tão almejada liberdade e concedê-la a todos os que, de igual forma, desejam ser libertos da escravidão do pecado e decidem, por livre e espontânea escolha, se submeter à vontade de Deus.

LIVRO DO ANO

Muito mais do que uma casa em que se abrigar, o lar é formado por pessoas que se amam e são amadas. Pelo menos esse é o ideal. Como vive uma família em que um, alguns ou todos os seus membros aguardam a vinda de Jesus Cristo? *O Lar Adventista* descreve como a esperança faz a diferença, produzindo harmonia, respeito e amor no relacionamento familiar.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br



Espiritualidade em ação

Ao abordar o tema dos dons espirituais, geralmente temos falado a partir de uma perspectiva eclesiológica, observando como o tema impacta a organização da igreja, a criação de ministérios ou a capacitação dos membros. Contudo, não podemos negligenciar a dimensão escatológica que envolve o assunto. Isso parece ficar evidente no discurso apocalíptico de Cristo em Mateus 24 e 25.

Após descrever os sinais que antecedem à Sua vinda (Mt 24:3-31) e exortar os discípulos à vigilância (v. 32-44), Jesus apresenta uma série de parábolas que ilustram a diferença de atitude de dois grupos coexistentes na igreja cristã, fiéis e infiéis (v. 45-51). As três parábolas contadas na sequência trazem um importante ensinamento sobre a atitude desses grupos em relação à fonte, administração e ao resultado dos dons espirituais.

A Fonte dos dons (v. 1-13). Na parábola das dez virgens, fiéis e infiéis são chamados de virgens prudentes e néscias. Ambas tinham lâmpadas, aguardavam o noivo e adormeceram diante da demora dele. Aparentemente, não havia diferença entre elas, até que se ouviu o anúncio da chegada do noivo e foi preciso preparar as lâmpadas para acompanhar o cortejo nupcial. Quem tinha azeite na vasilha pôde seguir adiante. Quem não tinha foi obrigada a procurar na cidade. Por fim, o primeiro grupo entrou nas bodas, enquanto o segundo ficou do lado de fora. O foco da parábola está na importância do azeite espiritual, o Santo Espírito (Zc 4:1-6), na vida do cristão. Sem Ele, ninguém está preparado para prestar serviço aceitável ao Senhor.

A administração dos dons (v. 14-30). Na parábola dos talentos, três servos, dois bons e um mau, retratam fiéis e infiéis. Eles são igualmente incumbidos de cuidar, de acordo com a capacidade que tinham, de uma quantia considerável de dinheiro, enquanto o proprietário se ausentava do país. Para se ter uma ideia, um talento correspondia ao salário de cerca de 6 mil dias de trabalho. Os dois primeiros multiplicaram os recursos, enquanto o último enterrou seu talento, com medo de perdê-lo. Ao retornar, o senhor ajusta contas com os servos, prestigiando o caráter empreendedor dos dois primeiros e repudiando a inércia do último. O objetivo da parábola é destacar que o uso diligente dos dons na obra de Deus

é evidência do compromisso espiritual que os cristãos devem ter com Ele.

O resultado dos dons (v. 31-46). Na última parábola do capítulo, novamente há distinção entre fiéis e infiéis, sendo esses representados por ovelhas e bodes, separados à direita e à esquerda do Rei. O primeiro grupo, dos salvos, recebe o reino porque serviu à pessoa de Cristo por intermédio dos famintos, sedentos, estrangeiros, carentes, enfermos e encarcerados. A motivação dos fiéis foi o amor desinteressado, espontâneo e despretenso. Por sua vez, os infiéis são rejeitados porque deixaram de servir ao Mestre por intermédio dos necessitados. Tiveram a oportunidade, mas não o fizeram por comodidade. Se vissem o próprio Cristo em apuros, ajudariam esperando recompensa. Contudo, ignoraram o clamor do pobre e desprezaram Seu Criador (Pv 17:5). O propósito da parábola é reafirmar o conceito de que “a religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1:27).

Em conjunto, essas parábolas apontam para o seguinte quadro. Os fiéis são cristãos cheios do Espírito Santo, dispostos a multiplicar os dons que o Senhor lhes confiou, servindo desinteressadamente àqueles que necessitam de sua atenção. Por outro lado, os infiéis são aqueles que negligenciam a presença do Espírito, enterram os talentos recebidos e ignoram os necessitados ao seu redor. Conclusão simples, que implica grande responsabilidade.

Em última instância, o ensinamento de Mateus 25 indica que se a consagração não leva o cristão a multiplicar seus talentos e servir o próximo por meio deles, então não pode ser verdadeira. Desse modo, a discussão sobre os dons espirituais está muito além de ser uma questão ligada à organização da igreja; deve ser um aspecto inerente ao estilo de vida do cristão que verdadeiramente se prepara para a vinda do Cristo. **M**



Se a consagração não leva o cristão a multiplicar seus talentos e servir o próximo por meio deles, então não pode ser verdadeira.”



William de Moraes

Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 Na dinâmica do Espírito

Silvia Scholtus

O que a experiência do centurião Cornélio pode nos ensinar sobre os dons espirituais

14 Caminho excelente

Wilson Borba

Como o amor pode potencializar o exercício dos dons na igreja local

18 A força da integração

Erton Köhler

Grandes coisas acontecem quando a igreja avança unida

20 Coração saudável

James Howard

Dicas para aumentar a eficácia da Escola Sabatina

24 E-vangelismo 2.0

Rachel Lemons Aitken

Como utilizar as ferramentas digitais para alcançar pessoas para Cristo

28 Das palavras às ações

Adolfo Suárez

Dez princípios para viver a liderança servidora na prática



10

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

27 Frases

32 Pastor com paixão

33 Em família

34 Recursos

35 Palavra final



24



28

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 91 – Número 546 – Nov/Dez 2019
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Daniel Oliveira

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan;
Adolfo Suarez; Marcos Blanco;
Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Carranza; André Dantas; David Ayora;
Edilson Valiante; Efraim Choque; Elieser Ramos;
Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard;
Ivan Samojluk; Juan Zuñiga; Raildes Nascimento;
Ronivon Santos; Rubén Montero e Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5972 / 40476

Ministério convertido

Fiquei profundamente comovido com esta afirmação de Ellen White: “O que necessitamos neste tempo perigoso é de um pastorado convertido. Necessitamos de homens que reconheçam sua pobreza de alma e que busquem ardentemente o dom do Espírito Santo. Uma preparação interior é necessária para que Deus nos dê Sua bênção, mas essa obra do coração não foi realizada” (*Ministério Pastoral*, p. 32).

A expressão “pastorado convertido” me levou a algumas perguntas: Será que sou convertido? Meus colegas pastores são convertidos? Ao analisar a citação, notei dois pontos importantes. Primeiro, a necessidade de buscar profundamente o Espírito Santo. Segundo, a ausência de corações preparados para receber a bênção divina.

Por que devo preparar meu coração? Em Apocalipse 3:20, na carta à igreja de Laodiceia, Jesus é descrito do lado de fora, batendo à “porta do coração” do crente. E como é um coração sem a presença de Cristo? O profeta Jeremias e o apóstolo Mateus têm a resposta. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9). “Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias” (Mt 15:19).

Com base nesses textos, a conclusão a que chego é: um coração sem Cristo é um coração não convertido. Se permanecer assim, nunca estará preparado para receber o dom do Espírito. Um pastor cujo coração é mais cheio de si do que de Deus terá um ministério enfraquecido, aparência de piedade, falta de poder e uma visão missionária limitada.

É impossível que um copo cheio de água suja seja enchido com água limpa. Primeiro é necessário esvaziá-lo. Um coração sem Jesus se torna o maior de todos os campos de batalha. “A renúncia ao eu, sujeitando tudo à vontade de Deus, requer uma luta, mas a pessoa deve se submeter a Deus antes de ser renovada em santidade” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 43).

Um coração preparado é um bom anfitrião para acolher a maior dádiva divina: o Espírito Santo. “O Senhor nos pede que esvaziemos o coração do egoísmo que é a raiz de toda alienação. Ele anseia derramar sobre

nós Seu Santo Espírito em fartas medidas, e que aplaiemos o caminho mediante a renúncia” (Ellen White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 43).

Voltando ao texto inicial, podemos parafraseá-lo dizendo que um pastor convertido é aquele cujo coração reconhece a pobreza da alma e clama pelo Espírito Santo, que acenderá em sua vida, sua família e seu ministério a centelha do reavivamento. “Quanto mais percebermos nossa verdadeira necessidade, nossa verdadeira pobreza, tanto mais desejaremos o dom do Espírito Santo [...]. É porque não vemos nossa necessidade, não reconhecemos nossa pobreza, que não emitimos fervorosas súplicas, olhando para Jesus, o Autor e Consumador de nossa fé, pela concessão da bênção” (Ellen White, *E Recebereis Poder* [MM 1999], p. 291).

Podemos concluir dizendo que um ministério reavivado é um ministério convertido, que tem um grande impacto no cumprimento da missão; porque o reavivamento é uma experiência indispensável no pastorado, tendo no evangelismo sua máxima expressão.

Oswald Smith, em seu livro *Paixão Pelas Almas*, relaciona o reavivamento à missão, contando a história de Tito Coan. Em 1837, o missionário teve uma experiência impactante, ao pregar para um público de 15 mil pessoas no Havaí. Conta-se que alguns ouvintes chegaram a gritar: “A espada de dois gumes está me cortando em pedaços!” Um escarnecedor clamou: “Deus me feriu!” E enquanto Coan pregava, um homem bradou: “Que devo fazer para me salvar?”

O impacto foi tão significativo que problemas foram resolvidos, bêbados foram regenerados, adúlteros foram convertidos e ladrões devolveram o que haviam roubado. Durante o período em que Tito Coan trabalhou no Havaí, estima-se que ele tenha batizado 11.960 pessoas. Que essa experiência seja uma inspiração para que sejamos pastores verdadeiramente convertidos! **TM**



Um pastor cujo coração é mais cheio de si do que de Deus terá um ministério enfraquecido.



Divulgação DSA

Daniel Montalvan, mestrando em Missiologia, é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Discipulado dinâmico

Servir em um ministério da igreja com seus dons é o caminho mais curto para que as pessoas comecem a viver experiências reais com Deus e se sintam integradas à comunidade de fé.

Por Marcio Nastrini



Cedida pelo entrevistado

Desenvolver uma estrutura de igreja com base nos dons espirituais é um grande desafio. Entretanto, algumas experiências nessa direção têm sido bem-sucedidas. Esse é o caso da Igreja Adventista do Alphaville, em Manaus, AM, conhecida também como Espaço Alpha, em virtude do centro de influência que ali está sendo construído. Liderada pelo pastor Ricardo Coelho há oito anos, a comunidade tem se destacado por seus resultados sólidos, fruto de uma ampla visão de discipulado.

Nascido em Mineiros, GO, Ricardo Coelho é graduado em Teologia (Unasp, EC), pós-graduado em Antropologia Intercultural (UniEvangélica), mestre em Teologia (Fadba) e, atualmente, cursa o doutorado em Ministério, com ênfase em discipulado, na Universidade Andrews.

Com 14 anos de ministério, todos eles vividos no Amazonas, Ricardo exerceu seu pastorado em diferentes contextos. Foi capelão e pastor de internato, pastor em distrito missionário, pastor em pequenas cidades e agora na capital do Estado. Sabe o que é liderar muitas comunidades pequenas e também como é estar à frente de igrejas maiores.

Casado com a professora Ana Carolina, eles têm dois filhos: Sophie e John.

Por que deve haver uma ênfase especial no desenvolvimento dos dons entre os membros da igreja?

Creio que seja por meio do desenvolvimento dos dons que alcançamos duas coisas que, como pastores, almejamos para nossas igrejas: a crescente edificação espiritual e a potencialização da missão. Enquanto menosprezarmos isso, perderemos uma grande oportunidade, porque “a maior causa de nossa fraqueza, como um povo, é a falta de fé real nos dons espirituais” (Ellen White, *Review and Herald*, 14/8/1868).

Ter estado durante oito anos na mesma igreja me deu a oportunidade de

testemunhar como o desenvolvimento dos dons tem sido um fator preponderante para o aperfeiçoamento dos membros, a fim de que a missão alcance novos horizontes. Pude ver que, por meio dos novos dons e ministérios que foram incorporados em nossa comunidade, fomos levados por Deus às novas experiências que nos tornaram mais fortes e ampliaram nossa esfera de influência.

Como descobrir e desenvolver os dons espirituais? Os testes tradicionais têm sido eficientes?

Existem vários métodos para descobrir de dons. Porém, tenho percebido que

igreja, embora ainda usemos testes em alguns casos, é focalizar no processo de maneira mais espiritual do que técnica, (1) encorajando as pessoas a orar perguntando para Deus em quais ministérios Ele deseja que elas sirvam no momento; (2) incentivando-as a se arrisquem, seja ajudando em um ministério ou criando outro para suprir alguma necessidade; e (3) orientando e apoiando-as em suas iniciativas.

Em que momento do discipulado a pessoa deve conhecer mais sobre os dons espirituais e procurar descobrir os dons que ela tem?

Quando as pessoas se sentem chamadas por Deus para um ministério, então há entusiasmo, os dons necessários são desenvolvidos, e elas se sentem realizadas.

mais importante do que as pessoas descobrirem seus dons é reconhecerem o chamado que receberam. Já usamos muito testes de dons, nos esforçamos para ligar os resultados aos ministérios. Mas, na maioria das vezes, as pessoas não ficam tão motivadas a servir, diante do procedimento frio e técnico que envolve esse processo. Quando as pessoas se sentem chamadas por Deus para um ministério, então há entusiasmo, os dons necessários são desenvolvidos, e elas se sentem realizadas.

Depois de várias experiências, o que mais tem se mostrado eficiente em nossa

Assim que ela estiver disposta a ter uma experiência mais profunda e consistente com Deus e com a igreja, não importando a idade. Creio que aqui temos uma grande oportunidade de trazer solidez para o processo do discipulado, mesmo antes do batismo. Relembrando o que um grande amigo dizia: "Quer ter uma experiência com Deus? Então, vá para uma missão!" Eu diria que servir em um ministério da igreja com seus dons é o caminho mais curto para que as pessoas comecem a viver experiências reais com Deus e se sintam integradas à comunidade de fé.

Como conciliar a estrutura departamentalizada da igreja com o conceito de ministérios segundo os dons?

Desenvolvendo uma estrutura flexível na rede de ministérios. Tendo em vista que, no assunto dos dons espirituais, o Espírito Santo é Quem define as coisas (1Co 12:11), creio que deveríamos facilitar o processo para Ele trabalhar. Assim, a questão mais importante é reconhecer e permitir o governo do Espírito Santo.

Uma estrutura de departamentos/ministérios muito rígida é um empecilho para o florescimento de novos dons e ministérios, como também causa danos uma estrutura livre de gerenciamento ou sem parâmetros.

O que vemos na igreja apostólica é um movimento que busca ter uma estrutura organizada (At 6), mas flexível (At 15).

Creio que esse seja o caminho para permitirmos que Deus realize tudo o que Ele quer por nosso intermédio. Somente com uma estrutura flexível de ministérios é possível manter a relevância na sociedade em que cada igreja está inserida. Dessa maneira, facilitamos o processo que auxilia cada membro a encontrar uma posição em que possa servir e, assim, estar envolvido continuamente na missão, e não apenas de forma pontual em eventos missionários.

O que esses ministérios podem fazer, além de suas atribuições, para potencializar os dons dos envolvidos?

Recursos como seminários, treinamentos, reuniões e aconselhamentos devem ser usados pelos líderes para capacitar os membros da igreja. De fato, essas iniciativas são boas para aperfeiçoar os dons. Contudo, existe algo que é chave nesse processo e que pode ser esquecido com facilidade: o ministério pessoal de discipulado. Ao mesmo tempo em que exerce um ministério, independentemente da

natureza dele, cada membro deve estar comprometido com o discipulado de alguém, apoiando essa ou essas pessoas na caminhada em conhecer Jesus e aprender a fazer Sua vontade.

Corremos riscos tanto na superênfase de ministérios de acordo com os dons, quanto na superênfase em apenas um modelo de discipulado pessoal (como, por exemplo, ensinar a Bíblia para alguém). Creio que aqui cabe o princípio “faça estas coisas, sem omitir aquelas”. Devemos confiar mais no Espírito Santo. Agindo assim, seremos levados a horizontes nunca antes alcançados, “entraremos na casa de novos Cornélios” e, assim, veremos novos milagres.

Quais passos você sugere que os pastores sigam para implementar ministérios orientados por dons?

Antes de mais nada, é importante formar uma cultura em que se valoriza a estrutura flexível de ministérios, na qual todos buscam o governo do Espírito Santo. Em seguida, é preciso ajudar a liderança a ter uma visão mais espiritual sobre isso, mostrando que o Espírito Santo pode estar com vontade de realizar novas coisas por nosso intermédio, distribuindo novos dons, fazendo novos chamados para novas pessoas e, talvez, para novos ministérios. Além disso, é necessário apresentar uma série de sermões e treinamentos à igreja, expressando quanto Deus está desejoso de que todos estejam engajados em Sua obra, mostrar que o Espírito Santo é quem governa isso e que se deve buscar conhecer Sua vontade para os ministérios. Destacar quanto a igreja pode ser mais relevante para a comunidade externa quando pratica o método de Cristo também é algo necessário. Ellen White define esse método dizendo: “O Salvador misturava-Se com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Mostrava

simpatia por elas, ministrava às suas necessidades e ganhava sua confiança. Então dizia: ‘Siga-Me’” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

Em relação a servir às necessidades das pessoas, a igreja pode se organizar para que vários ministérios atuem em conjunto. Aqui há algo a ser destacado: um ministério não precisa ser permanente. O foco não está na manutenção dele, mas em sua importância ao atender às necessidades do seu contexto. Por isso, a estrutura deve ser flexível. Por fim, é oportuno estabelecer uma subcomissão para cuidar do processo e apresentar à comissão da igreja novas propostas de iniciativas que surgirem. Reconheço que em uma igreja pequena os

maior proximidade, chegou a fazer duas ou três séries de estudos bíblicos. Por algum tempo, frequentou um pequeno grupo e mantinha um bom relacionamento com a comunidade. No entanto, permaneceu assim por anos. Ele não queria ter compromisso com a igreja nem praticar os princípios da fé. Sua esposa orou por ele durante 20 anos. Muitos membros da igreja intercederam por ele. Foi surpreendente o caminho pelo qual Deus o conduziu para uma experiência mais profunda com Ele. Ao participar de uma viagem missionária, no último dia, num momento de descontração, ele disse a um colega: “Quero ser batizado ao lado dos meus amigos”. Pou-

Uma estrutura de departamentos/
ministérios muito rígida é um empecilho
para o florescimento de novos dons
e ministérios, como também causa danos
uma estrutura livre de gerenciamento
ou sem parâmetros.

procedimentos podem ser um pouco diferentes. Contudo, qualquer igreja poderá ampliar consideravelmente sua força missionária se considerar esses pontos.

Você poderia compartilhar alguma experiência marcante relacionada com o trabalho da igreja por meio de ministérios de acordo com os dons?

Por alguns anos, um médico, esposo de uma irmã de nossa igreja, foi apenas um visitante esporádico. Em períodos de

cos meses depois, celebramos seu batismo. Nunca nos esqueceremos de que foi servindo em um ministério da igreja, sentindo de perto Deus usando pessoas para realizar um trabalho por amor ao próximo, que ele decidiu se entregar como um discípulo de Cristo. Atualmente, às segundas-feiras, ele recebe seu pequeno grupo em sua casa; aos sábados à tarde, ministra estudos bíblicos para interessados, e ainda continua sendo um médico voluntário do ministério de missões. **M**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

CAPA



Na dinâmica do Espírito

O que a experiência do centurião Cornélio pode nos ensinar sobre os dons espirituais

Silvia Scholtus

“Morava em Cesareia um homem de nome Cornélio, centurião da coorte chamada Italiana” (At 10:1). Essa é uma história interessante. Nela vemos o modo como o Espírito Santo mexeu com os preconceitos herdados pelo apóstolo Pedro e pelos primeiros cristãos judeus. O Espírito concedeu dons àqueles que ainda não eram da “igreja” nem haviam sido “batizados”. Nesse ato divino, demonstrou-se que não há discriminação de etnia, condição social ou gênero na distribuição dos dons.

Cristo disse a Seus discípulos que o crescimento da igreja ocorreria por intermédio do Espírito. O Consolador seria responsável por convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16:8). Na história de Cornélio, essa obra fica evidente. De acordo com o relato, Deus enviou um anjo ao centurião, afirmando-lhe que sua oração havia sido ouvida e que ele deveria chamar o apóstolo Pedro. Essa intervenção nos ajuda a entender como os cristãos colaboram com Deus na tarefa de testemunhar de Sua graça. Os crentes devem estar atentos para “ver” como o Espírito está operando em cada coração.

Enquanto isso, o Consolador trabalhava no coração e na mente de Pedro. Ele foi “convencido” pelo Espírito a deixar seus preconceitos culturais por meio de uma visão. Quando os emissários de Cornélio chegaram, sua mente estava pronta para aceitar o convite desse “gentio”. Sem dúvida, o Espírito é quem de fato convence. No caso de Cornélio, o Espírito Santo o havia convencido do pecado (era “temente a Deus”, At 10:2), e mostrou-lhe como obter a “justiça”, indicando alguém que pudesse lhe dar explicações. No caso de Pedro, o Espírito o convenceu da justiça, preparando-lhe para entender melhor a extensão da graça divina. Ele também mostrou que, ao manter barreiras estabelecidas por tradições culturais e religiosas equivocadas, o apóstolo cometia um erro.

Quando Pedro aceitou ir à casa desse “gentio”, alguém culturalmente rejeitado pelos “eleitos”, levou com ele uma delegação de “crentes de Jope”, a fim de evitar ser criticado. Na casa de Cornélio, o Espírito Se manifestou poderosamente, derramando dons sobre aqueles gentios, antes de que fossem batizados. Assim, o Espírito mostra aos cristãos as barreiras sociais e culturais que devem ser derrubadas para incluir aqueles que Ele tem convencido a ser parte do grande povo de Deus (Ap 18). O que dizer a respeito daqueles que recebem dons espirituais? Este

artigo extrai princípios da administração dos dons do Espírito, obtidos a partir desse importante relato da igreja apostólica.

Princípios de administração dos dons

Princípio 1: *O Espírito é quem administra os dons.* Durante a visão anterior à sua visita a Cornélio (At 10), Pedro recebeu o dom de discernir a graça de Deus e a administrou, não se opondo à atuação do Espírito Santo, que concedeu dons àqueles que eram considerados impedidos de recebê-los em virtude de barreiras étnicas e religiosas. O Espírito concedeu, e o apóstolo aceitou e também difundiu a graça de Deus de um modo melhor. Pedro testemunhou da orientação que recebeu do Espírito àqueles que estavam “dentro” da igreja. Evidentemente, a “igreja”, com todos os dons recebidos, ainda não entendia a maneira pela qual o Espírito administra os dons. “Ver” essa graça também é um “dom” espiritual.

Princípio 2: *O Espírito é o responsável por gerar um organismo que permita a plena expressão dos dons concedidos para a missão.* Às vezes o Espírito Santo tem que lidar com a incompreensão daqueles que receberam dons, aceitaram a graça divina e, embora sejam Seus colaboradores, tornaram-se empecilhos para o avanço da missão. Na história de Cornélio, Ele levou Pedro e seus amigos para que

fossem “testemunhas” de que Sua graça é derramada sobre todos aqueles que aceitam a Cristo. Assim, a comitiva apostólica não pôde rejeitar essa demonstração. Isso iria contra Deus. Dessa forma, o Espírito ligou os recém-convertidos àqueles que já faziam parte da igreja.

Pedro entendeu que cada dom era dado para “servir os outros” (1Pe 4:10, NVI). Quando ele teve discernimento, serviu a Deus ajudando a integrar os novos crentes na comunidade de fé. Às vezes, o termo “serviço” é traduzido como “ministério”. No texto, o apóstolo usou o termo *diakonéō*, também utilizado para descrever a atividade de alguém disposto a receber os dons do Espírito para servir os outros. Paulo se con-

No Antigo Testamento, Israel deveria ser um “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19: 6), encarregado de mostrar Deus ao mundo. Essa responsabilidade não se limitava aos levitas e sacerdotes. Estes últimos, aliás, simbolizavam o ministério de Cristo no Santuário Celestial. Quando Jesus morreu, essa tipologia não mais era necessária. No entanto, o sacerdócio de acompanhamento da obra de Cristo no Céu permaneceu em vigor. Pedro enfatizou isso dizendo que os cristãos são “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes Daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz” (1Pe 2:9).

Crescimento interno

Paulo disse que Cristo é a cabeça e, a igreja, Seu corpo (Ef 5:23; Cl 1:18, 24). Esse corpo cresce pelo poder que operou em Jesus, ressuscitando-O dentre os mortos (Ef 1:11, 19, 20; 2:2; 3:7, 20; 4:16). Ao mencionar o Salmo 68:18, o apóstolo afirmou que a intenção divina em conceder dons aos homens é “para que o SENHOR Deus habite no meio deles” ou “para encher todas as coisas” (Ef 4:8-10). Todo crente se torna morada em que Deus habita. Quanto mais dons espirituais se manifestam, maior é a presença do Senhor (cf. 1Co 6:19). Assim, não se deve destacar alguns dons em detrimento de outros porque, ao assim fazer, a presença manifesta de Deus na igreja acaba sendo obscurecida ou anulada.

Paulo organizou diferentes listas de dons espirituais, feitas de acordo com seus respectivos contextos. Por exemplo, em Efésios 4:11, ele tratou acerca daqueles que têm responsabilidade direta na promoção do conhecimento, para evitar que o corpo de Cristo seja ferido e perca parte de seus membros num conflito interno. Assim, cada dom tem a função de realizar uma diaconia (serviço) por amor, a fim de promover o crescimento

do corpo.

Em 1 Coríntios 12, o apóstolo afirmou que os membros do corpo são muitos e têm diferentes funções (1Co 12:18-20), todas elas importantes. Embora Paulo exorte a buscar os melhores dons (1Co 12:31), ele mostra que o propósito final é o amor (1Co 13). A ideia é que o exercício dos dons não seja um desejo que desvia do objetivo fundamental para o qual eles operam. Cristo disse que o amor que se manifesta entre Seus seguidores seria o elemento de distinção com o mundo (Jo 17:21-23, 26).

Atualmente, a igreja cristã tem vários problemas que impedem seu crescimento. Algumas dessas dificuldades estão relacionadas com seu crescimento quantitativo.

Tratar do tema dos dons é lidar com o caráter divino. O Espírito Santo é um “servo”, um “diácono” que administra e dá dons àqueles que amam a Deus para que O imitem ao servir à humanidade.

siderava um “diácono” (Ef 3: 7; Cl 1:23, 25), e Cristo Se considera um servo que veio exercer diaconia (Mt 20:28; Mc 10:45). É possível dizer que a diaconia é o nível em que se encontram todos os dons. Os cristãos devem cuidar para não limitar, rotular ou impedir as expressões de dons que o Espírito concede para Seu serviço.

Princípio 3: *Na concessão de dons não há distinção étnica, social ou de gênero.* Paulo disse que “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”, portanto, “herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:28, 29). O Novo Testamento deixa claro que o “serviço” é uma atribuição de todos os cristãos.

O Espírito concedeu dons sem qualquer tipo de discriminação. Por exemplo, os primeiros diáconos eram de origem grega (At 6); Priscila e Áquila eram evangelistas (Rm 16:3); o dom de profecia foi concedido a homens e mulheres (At 13:1; 15:32; 21:9), bem como o dom de línguas (At 2) e outras habilidades para o serviço (Tg 1:5; 2:2, 3).

Objetivos dos dons

Os dons concedidos não são para gerar competição entre os membros, mas para servir à igreja harmoniosamente, sem impedir a operação planejada pelo Espírito. Somente assim a igreja poderá ver os dons e manter um vínculo correto com o Espírito de Deus para a propagação do evangelho.

A falta de informação sobre a administração dos dons gera críticas ou interpretações equivocadas quanto às atitudes daqueles que realizam diferentes “serviços”. Como resultado, às vezes a igreja passa a enfrentar movimentos independentes ou separatistas. Isso contribui para que os membros parem de congregar ou abandonem a igreja. Além disso, a pressão para se obter bons resultados quantitativos produz tensão em relação aos resultados qualitativos. Essas dificuldades causam nos membros uma crise de fé.

A exortação de Paulo aos crentes do primeiro século para que crescessem no conhecimento da graça de Deus chega aos nossos dias com voz poderosa. Todos os dons são resumidos em um objetivo: o amor. Portanto, eles expressam diretamente o caráter amoroso de Deus, que é oferecido na diaconia a Seus seres criados.

Crescimento externo

O Espírito é quem convence e atrai, mas aqueles que receberam os dons colaboram com Ele. Os membros que possuem dons relacionados com a propagação do evangelho serão capazes de fazer melhor seu trabalho quando forem apoiados por aqueles que receberam dons ligados ao crescimento interno da igreja. O caminho mais excelente do amor faz com que a vinculação no Espírito seja real, resultando no apoio a todas as necessidades da igreja em sua missão.

Um aspecto interessante da concessão de dons durante os primeiros anos do cristianismo é entendê-los à luz da resolução dos desafios decorrentes da expansão do evangelho. O lema manifesto para a resolução de problemas era manter a unidade da igreja. Essa unidade só foi alcançada por meio da intervenção e aceitação do Espírito Santo, que Se manifestou pela concessão dos dons que melhoraram a organização do corpo para que ele crescesse em qualidade.

Os primeiros capítulos de Atos destacam os dons que pareciam ser fundamentais para propagar o evangelho em um momento importante do desenvolvimento da igreja. Por exemplo, (a) o dom de línguas (At 2) ajudou a expandir a obra sem a barreira do idioma, num evento em que estavam presentes em Jerusalém judeus de várias partes do mundo; (b) o dom da hospitalidade foi dado em situações críticas de conversões em massa, de modo que aqueles que foram rejeitados por suas famílias tivessem provisões em todos os aspectos; (c) visões e sonhos foram dados para chamar atenção de alguns como Cornélio, Saulo e Pedro, e guiá-los a um relacionamento próximo com a igreja, evitando preconceito ou fanatismo. Nesse caso, o Espírito não fez diferença entre judeu ou gentio. Deus não faz acepção de pessoas (At 11:15-17). Isso evidencia a maneira pela qual a provisão divina dos dons colaborou para resolver as dificuldades que a igreja enfrentou em seus primeiros anos.

Portanto, o Espírito Santo administra a tensão entre o crescimento qualitativo e quantitativo, uma vez que é responsável pela concessão de dons que tratam de situações de conflito. Assim, Ele evita que se detenha o crescimento qualitativo e se mantenha o crescimento quantitativo.

Conclusão

A história de Cornélio apresenta Pedro fazendo a seguinte pergunta: “Se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?” (At 11:17).

Os dons são administrados pelo Espírito. Eles são concedidos para apoiar o crescimento interno e a propagação das boas novas. Aquele que recebe um dom deve entender que tem o privilégio de colaborar com o Espírito de Deus.

Tratar do tema dos dons é lidar com o caráter divino. O Espírito Santo é um “servo”, um “diácono” que administra e dá dons àqueles que amam a Deus para que O imitem ao servir à humanidade. A Bíblia afirma que aqueles que recebem dons espirituais estão envolvidos com o Senhor em Sua obra. O crente não deve crescer sozinho, mas em comunidade. Essa conexão é vital (Ef 4:12-16; 6:10-18). Algumas perguntas podem ser úteis para aqueles que desejam atingir esse objetivo:

1) Os membros da igreja estão proporcionando o ambiente ideal para a plena expressão dos dons concedidos pelo Espírito Santo, a fim de estimular o crescimento pessoal e corporativo e a propagação do evangelho?

2) Existe algum impedimento que limite a plena expressão dos dons espirituais (etnia, cultura, gênero)?

3) Minha igreja está crescendo em conhecimento? Há conflitos ou competição entre os dons? Qual é a solução que a Bíblia apresenta para esses conflitos?

A igreja não é um “negócio” de sucesso, que administra diferentes instituições em todo o mundo, mas um corpo espiritual que exerce os dons concedidos pelo Espírito, que se encarrega de preparar um povo para a segunda vinda de Cristo.

Ela continua enfrentando problemas e desafios. Ainda está na Terra, não no Céu. Todo membro tem a responsabilidade de exercer o dom que recebeu para preservar a unidade em amor sem competir, nem impedir a operação dos dons nem buscar a supremacia. É importante que o compromisso de cada cristão seja o mesmo do Espírito: preparar “uma igreja gloriosa” que possa permanecer em pé no “dia da redenção”. **M**



Cortesia da autora

Silvia Scholtus, doutora em Teologia, é editora sênior na Editorial Universidad Adventista del Plata, Argentina

Caminho excelente

Como o amor pode fortalecer o exercício dos dons na igreja local

Wilson Borba

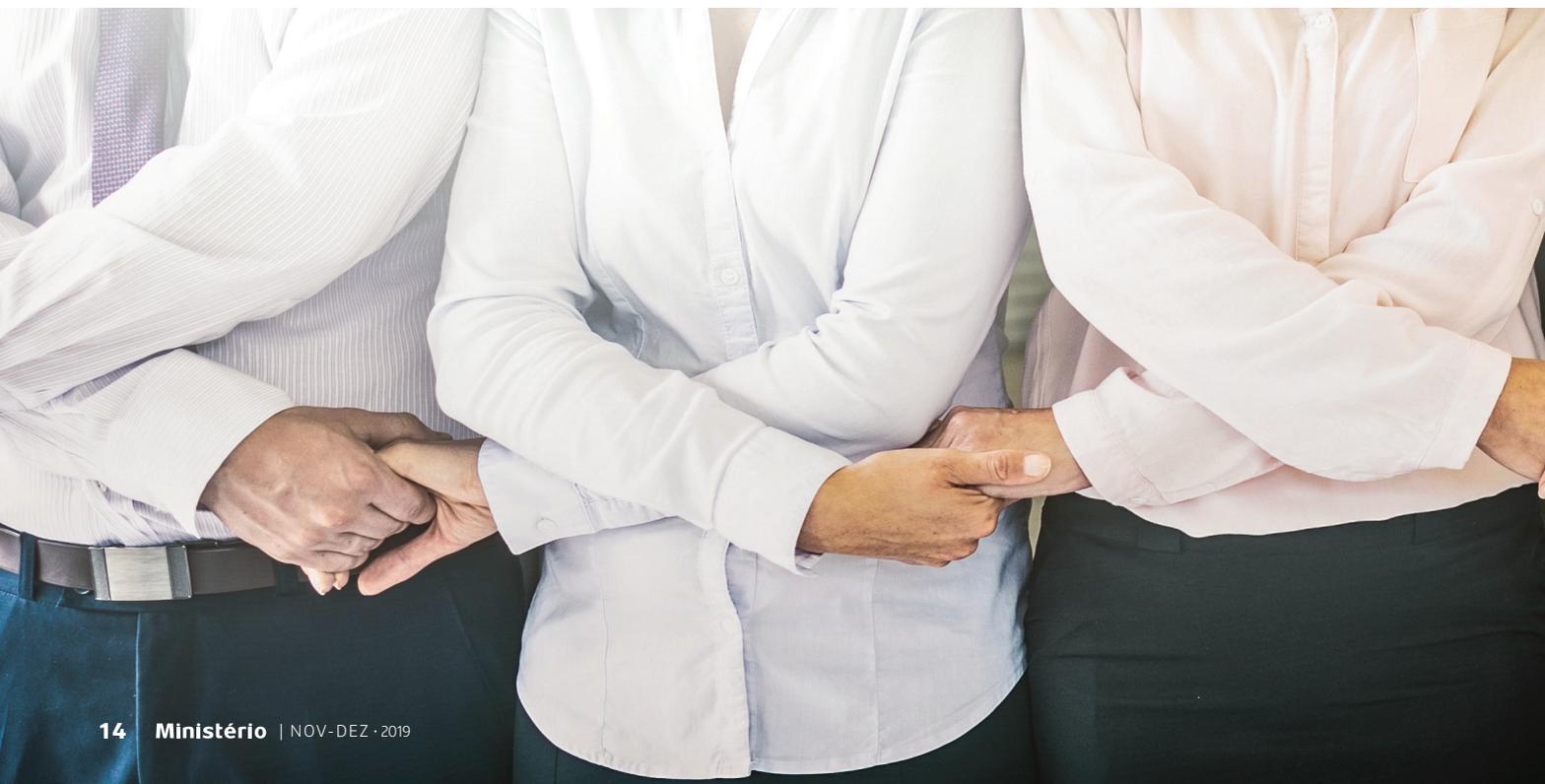
No início dos anos 2000, Peter Prime escreveu um livreto intitulado *É Bom Ser Bom*.¹ Com base em seu conteúdo, o autor fez vários seminários ao redor do mundo para pastores e membros da igreja sobre um modo bíblico, simples e eficaz de levar pessoas a Cristo. O projeto consiste em três

passos: oração, relacionamento amoroso e instrução dos membros para a missão.² Em suas palestras, Prime destacava a importância de tornar a igreja mais amorosa, citando especialmente 1 Coríntios 13:8, “o amor nunca falha” (ARC), e o texto de Ellen White: “Se nos humilhássemos perante Deus, e fôssemos bondosos e corteses e compassivos e piedosos,

haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma.”³ Impactado com sua proposta, decidi aproveitar as oportunidades que surgissem para praticar aquele projeto missionário.

Uma situação especial para testar o princípio apresentado por Prime veio quando assumi um distrito composto de seis congregações. Na primeira reunião com a liderança de uma delas, a diretora do grupo, demonstrando certa ansiedade, perguntou-me: “Pastor, o senhor veio para fechar nosso grupo?” Surpreso, respondi-lhe: “Nunca pensei nisso.” E perguntei: “Por quê?” Ela disse: “Nosso grupo não batiza uma pessoa há uns dois anos, e nosso pastor anterior disse que igreja que não batiza deve ser fechada. O que o senhor nos diz?” De fato, eu não acreditava que meu antecessor desejasse fechar aquele grupo, mas motivá-lo ao crescimento. Aqueles irmãos precisavam de ajuda, porém, eu não via como poderia ajudá-los.

Enquanto minha mente se elevava a Deus pedindo socorro, perguntei-lhes: “Vocês estão felizes em frequentar este grupo?” “Sim!”, foi a resposta. Ainda fiz outros questionamentos: “O aluguel é caro? Como estão as finanças?” A diretora disse



que o valor do aluguel era acessível e havia saldo positivo na tesouraria. Então, Deus me fez lembrar das orientações de Peter Prime. Propus aos presentes deixarmos de lado a ideia de fechar o grupo. Contei-lhes sobre a importância de tornar a igreja mais amorosa e desafiei-os a simplesmente manter mais comunhão com Deus, orar por oportunidades missionárias e praticar o amor uns para com os outros. Combinamos de fazer “junta panelas” e convidar amigos e vizinhos para participar dessas ocasiões e dos cultos da igreja.

Qual foi o resultado? Pelo poder de Deus, algo maravilhoso aconteceu naquela pequena congregação! Naquele ano, os batismos voltaram a ocorrer, e as mulheres animaram-se para realizar um evangelismo no bairro vizinho. Elas convidaram os desbravadores para anunciar o evento, e aos sábados à tarde reuniam as crianças da vizinhança. O projeto incluía estudo da Bíblia e alimentação. O movimento cresceu, e os pais daquelas crianças foram atraídos às reuniões e participaram dos estudos bíblicos. Como resultado, surgiu uma linda igreja naquele bairro. O projeto de tornar a igreja mais amorosa deu certo, e pude comprovar que verdadeiramente “o amor nunca falha” (1Co 13:8, ARC).

O maior dos dons

Muito tempo antes de Peter Prime apresentar seu projeto, Paulo recomendou esse princípio à problemática igreja de Corinto. O apóstolo havia fundado essa congregação durante sua segunda viagem missionária (At 18:1-11). Na primavera do ano 57, aproximadamente, enviou-lhe sua primeira carta.⁴ Nessa epístola, além de outras coisas, o apóstolo procura corrigir o mau uso dos dons espirituais decorrente de um conceito equivocado a respeito deles.

Em 1 Coríntios 12, Paulo apresenta a importância dos dons espirituais dentro da unidade orgânica do corpo de Cristo, a igreja. No capítulo 14, enfatiza o exercício adequado dos dons, especialmente o dom de línguas. Entretanto, 1 Coríntios 13 ocupa a posição principal no meio dos outros dois capítulos, servindo como moderador na longa discussão sobre os dons espirituais, claramente definida em três seções: (a) a superioridade do amor (v. 1-3); (b) a natureza do amor (v. 4-7); e (c) a permanência do amor (v. 8-13).⁵

Ao discutir o tema entre 1 Coríntios 12 e 14, Paulo colocou o amor no centro de seu argumento, primeiramente porque os

coríntios, e nós também, temos absoluta necessidade do amor (1Co 12:31; Gl 5:6). Em segundo lugar, porque o amor, sendo priorizado e praticado, atuaria como uma força harmonizadora e modeladora na igreja. O capítulo 13 é considerado a “maior, mais forte e mais profunda declaração feita por Paulo”.⁶ Segundo Tertuliano, a descrição acerca do amor, nesse capítulo, foi feita “totis Spiritus virbus”, ou seja, “com toda a força do Espírito”.⁷ Contudo, o propósito do Espírito Santo não era simplesmente produzir uma admirável obra literária, mas edificar a igreja.⁸ Esse objetivo fica evidente, pois, no capítulo 13, revela-se “a atitude e atmosfera apropriadas, o motivo e o poder adequados, o ‘caminho mais excelente’ (12:31), no qual Deus planejou o funcionamento de todos os dons”.⁹

Paulo começou o capítulo apresentando os valores mais significativos para os cristãos coríntios: falar em línguas e ter o dom de profecia.¹⁰ No entanto, em 1 Coríntios 12:28 a 30, o apóstolo colocou o dom de línguas em último lugar. Afinal, por que eles teriam preferência pelo último dos dons listados? Tudo indica que os membros da igreja eram ignorantes e imaturos a respeito dos dons espirituais (1Co 12:1; 14:20).

REDPIXEL | Adobe Stock



Infelizmente, ao longo da história do cristianismo, pareceu mais fácil ser ortodoxo e ativo no trabalho da igreja do que amoroso.

Aparentemente, alguns apreciavam mais o dom de línguas porque lhes conferia posição diferenciada sobre os demais. No entanto, o propósito dos dons espirituais não era fazer com que alguém se sentisse superior, muito menos inferior (1Co 12:7-11).¹¹

Em realidade, os coríntios necessitavam priorizar a unidade e a edificação da igreja, não o prestígio ou a posição individual. Por exemplo, Paulo era poliglota (1Co 14:18), falava grego, hebraico e, provavelmente, aramaico e latim (At 17:22-31; 21:37; 22:2), mas não se orgulhava disso (1Co 14:19). Aliás, seu propósito era “corrigir a avaliação errada que os coríntios faziam dos dons, em especial o de línguas, e motivá-los a buscar o amor como o atributo mais valioso”.¹² Para o apóstolo, uma pessoa sem amor é “como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1Co 13:2). Por meio da ilustração do címbalo, ele representou a condição de alguns membros da igreja de Corinto. Desde a antiguidade, os gongos têm pelo menos duas características: são muito ruidosos e pouco melodiosos. Assim, Paulo dava a entender a seus leitores que igrejas ou pessoas sem amor geralmente são barulhentas e pouco harmoniosas. De fato, barulho e ostentação não são evidências de piedade (por exemplo, 1Rs 18:26-29; 1Co 14:9-11).

Lamentavelmente, à semelhança dos coríntios, alguns professos cristãos são como “um vagão vazio, que desce violentamente por uma colina; faz muito barulho

porque nada tem dentro”.¹³ Em 1 Coríntios 13:1 a 3, Paulo cita seis dons: línguas, profecia, ciência, fé, doação e martírio; contudo, por duas vezes declara que, sem amor, eles nada valem. O apóstolo parece apresentar uma equação. Se o amor estiver ausente, seja na prática de apenas um desses dons ou no exercício de todos, o resultado será o mesmo: zero!

Com isso, Paulo não estava depreciando os dons, mas exaltando o amor como dom indispensável e incomparável.¹⁴ A palavra *nada* usada pelo apóstolo implica miséria e pobreza.¹⁵ O amor é tão necessário que mesmo o dom de profecia sem ele deve ser rejeitado.¹⁶ Ao indicar 14 características do amor (v. 4-7), o apóstolo compara sua perfeição com a transitoriedade de outros dons (v. 8-13). Chegará o dia quando não mais precisaremos exercer a fé e a esperança, pois “veremos face a face” (v. 12). Por sua vez, o amor “jamais acaba”. Ele tem essa poderosa superioridade, “primeiro, por sua excelência inerente e, segundo, por sua perpetuidade”.¹⁷

Infelizmente, ao longo da história do cristianismo, pareceu mais fácil ser ortodoxo e ativo no trabalho da igreja do que amoroso.¹⁸ Às vezes, esquecemos que “o êxito de nossa obra depende de nosso amor a Deus, e de nosso amor aos nossos semelhantes”, e que “quando houver ação harmoniosa entre os membros individuais da igreja, quando houver manifesto amor e confiança de um irmão para com outro,

haverá proporcional força e poder em nossa obra, para a salvação dos homens”.¹⁹ A fim de cumprirmos a missão, que tal agora, verdadeiramente tornarmos a igreja mais amorosa, começando por nós mesmos? **M**

Referências

¹ Peter J. Prime, *É Bom Ser Bom* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007).

² Prime, *É Bom Ser Bom*, p. 13-15.

³ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 86.

⁴ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Atos a Efésios* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 6, p. 723.

⁵ George Arthur Buttrick (ed.), *The Interpreter's Bible* (Nashville, TN: Parthenon Press, 1980), v. 10, p. 167.

⁶ Nichol, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Atos a Efésios*, v. 6, p. 855.

⁷ Russell N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado* (São Paulo: Candeia, 1995), v. 4, p. 202.

⁸ John MacArthur, *1 Corinthians* (Chicago: Moody Press, 1996), p. 327.

⁹ MacArthur, *1 Corinthians*, p. 328.

¹⁰ Hans Conzelmann, *1 Corinthians: A Commentary on the First Epistle to the Corinthians* (Filadélfia: Fortress Press, 1975), p. 220.

¹¹ MacArthur, *1 Corinthians*, p. 328.

¹² Nichol, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Atos a Efésios*, v. 6, p. 856.

¹³ Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 4, p. 204.

¹⁴ John F. Walvoord e Roy B. Zuck, *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), v. 2, p. 535.

¹⁵ Leon Morris, *1 Coríntios: Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1986), p. 146.

¹⁶ Morris, *1 Coríntios*, p. 146.

¹⁷ Charles Hodge, *1 Corinthians* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1995), s. 1Co 13:1.

¹⁸ MacArthur, *1 Corinthians*, p. 327.

¹⁹ Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), p. 188.



Gentileza do autor

Wilson Borba, doutor em Teologia, é diretor do Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Amazônia



CPB

livraria

Livros | Bíblias | Hinários | Guias de Estudo | CDs
DVDs | Revistas | Folhetos | Jogos | Brinquedos

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS POR TODO O BRASIL

**AMAZONAS
MANAUS
SÃO GERALDO**

Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA
FADBA**

Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR
NAZARÉ**

Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO**

R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
ASA NORTE**

SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 17/23 - Ed. Number One
(61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA
SETOR CENTRAL**

Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
CENTRO**

R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
CENTRO**

Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM
MARCO**

Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

**PARANÁ
CURITIBA
CENTRO**

R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
(41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE
SANTO AMARO**

R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
TIJUCA**

R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
(21) 3872-7375

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
CENTRO**

R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO
UNASP/EC**

Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA**

R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ
CENTRO**

Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818

**SÃO PAULO
SÃO PAULO
MOEMA**

Av. Juriti, 563
(11) 5051-1544

**SÃO PAULO
SÃO PAULO
PRAÇA DA SÉ**

Praça da Sé, 28 | 5º Andar
(11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO
VILA MATILDE**

R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

**SÃO PAULO
TATUÍ**

LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

A força da **integração**

Grandes coisas acontecem quando a igreja avança unida

Erton Köhler

Gosto de repetir uma frase que muitos já decoraram: “Unidos somos mais fortes, chegamos mais longe e vamos mais rápido.” Essa repetição destaca minha crença na força e nos resultados da integração e motiva os líderes e membros a investir nessa visão.

Integração e unidade são palavras com significado muito próximo e representam uma de nossas maiores necessidades. São fundamentais para o cumprimento de nossa missão, importantes para a solidez de nossa mensagem, para a expansão mundial de nossa igreja e, especialmente, para o recebimento do Espírito Santo. Ellen White afirma que “quando os obreiros tiverem a presença permanente de Cristo em sua alma, [...] quando existir unidade, quando eles se santificarem, de maneira que o amor de uns pelos outros seja visto e sentido, então os chuviscos da graça do Espírito Santo hão de vir tão seguramente sobre eles como é certo que a promessa de Deus não faltará nem num jota ou num til”.¹

O ministério adventista é formado, em sua maioria, por líderes criativos, carismáticos e proativos, o que facilita o surgimento de novas ideias e iniciativas independentes. Essa autonomia é positiva; afinal, unidade não tem que ver com uniformidade. Cada indivíduo necessita alimentar e preservar suas características pessoais. Nosso grande desafio, porém, é canalizar essa disposição para uma causa comum, pois “sejam quais forem as boas qualidades de um homem, ele não poderá ser um bom soldado se agir independentemente. De vez em quando talvez seja realizado algum bem; mas, com frequência, o resultado é de pouco valor, e muitas vezes o fim revela que foi causado mais dano do que bem. Os que agem independentemente dão a impressão de realizar alguma coisa, atraem a atenção e fulguram intensamente, e então desaparecem. Todos precisam puxar numa só direção, a fim de prestar eficiente serviço para a Causa.”²

O Espírito Santo foi derramado no Pentecostes, apenas quando os primeiros cristãos deixaram de lado interesses pessoais, consagraram-se ao Senhor e se uniram ao redor da mesma missão. “A despeito de preconceitos anteriores, todos estavam em harmonia uns com os outros. Satanás sabia que, enquanto essa união continuasse a existir, ele seria impotente para deter o progresso da verdade evangélica, e procurou tirar vantagem de anteriores hábitos de pensar, na esperança de que, por esse meio, pudesse introduzir na igreja elementos de desunião.”³ Mas havia uma certeza: “Enquanto persistissem em trabalhar unidos, mensageiros celestiais iriam adiante deles, abrindo-lhes o caminho; corações seriam preparados para a recepção da verdade, e muitos seriam ganhos para Cristo. Enquanto permanecessem unidos, a igreja avançaria. [...] Nada lhe impediria o progresso.

Ela avançaria de vitória em vitória, cumprindo gloriosamente sua divina missão de proclamar o evangelho ao mundo.”⁴

Para fortalecer essa experiência de integração, sob o poder do Espírito Santo, temos a cada ano o desafio de nos unir ao redor da mesma visão, que destaca o discipulado. Não como um modelo rígido, mas por meio do conceito de “fazer discípulos através de comunhão, relacionamento e missão”, com um foco claro em envolver, desenvolver e multiplicar pessoas. Tomando por base esses princípios, cada pastor, Campo local e União adapta os conceitos à sua região, seu perfil de liderança e sua abordagem de projetos e iniciativas.

Os principais *objetivos* precisam ser comuns para cada princípio do discipulado, apontando para o resultado final de qualquer área ou iniciativa. Em *comunhão*, mais gente estudando a Bíblia e dedicando tempo à oração; em *relacionamento*, mais gente participando de uma unidade de ação integrada a um pequeno grupo; e na *missão*, mais gente dando estudos bíblicos e levando pessoas ao batismo.

Para que os resultados sejam sólidos, também precisamos avançar integrados em algumas *ênfases*: em *comunhão*, o estudo diário da Bíblia e da Lição da Escola Sabatina; em *relacionamento*, o investimento em capacitação regular de líderes e cuidado especial na retenção de membros; e na *missão*, o envolvimento de cada adventista na ministração de estudos bíblicos, a realização de batismos frequentes, com datas definidas e cerimônias inspiradoras, e o plantio de igrejas.

O fortalecimento de cada uma dessas ações acontece em quatro momentos no ano, que são bem conhecidos e devem envolver toda igreja de maneira integrada. Estamos chamando cada momento de *celebração*, porque é mais do que uma data ou um evento. É uma oportunidade de atuarmos juntos, celebrando cada ênfase do discipulado.

Essa é a visão geral, a essência das ideias. A partir delas, cada região pode desenvolver sua estratégia e criar o melhor formato local. É importante destacar, porém, que o discipulado existe para

a missão. Afinal, foi esse o objetivo da grande comissão (Mt 28:18-20). O crescimento espiritual e a integração da igreja devem tornar nossos membros mais espiritualmente profundos e felizes, mas precisa levar ao testemunho pessoal e à multiplicação de novos discípulos. Trabalhamos por um discipulado claro, que produza uma missão intensa e leve mais de 1 milhão de pessoas a receber estudos bíblicos. Como consequência, esperamos que pelo menos 250 mil pessoas entreguem a vida a Jesus por meio do batismo, tornando-se novos discípulos multiplicadores.

Para que isso aconteça, invista em um ministério moldado pela integração. Nem sempre é fácil, pois é preciso humildade para administrar o entusiasmo, dirigir a criatividade e fortalecer a disciplina pessoal. O apóstolo Paulo entendeu a necessidade de cultivar essa humildade, mesmo com grande sacrifício. Quando surgiu uma polêmica sobre a circuncisão, 14 anos após sua conversão, ele gastou três semanas viajando 501 km até Jerusalém, para dialogar com os apóstolos e buscar consenso sobre o tema. Era sua forma de reconhecer que a unidade tem um preço, mas compensa. Por isso, como obreiros chamados para o tempo do fim, somos desafiados a “unidos [...] conduzir a obra rumo a sua terminação”.⁵ 

Referências

- Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 1, p. 175.
- Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 3, p. 24.
- Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 87, 88.
- White, *Atos dos Apóstolos*, p. 50.
- White, *Atos dos Apóstolos*, p. 152.

DATA	CELEBRAÇÃO
6 a 15 de fevereiro	10 Dias de Oração , focalizando o resgate de ex-adventistas.
4 a 11 de abril	Evangelismo de Semana Santa , celebrando 50 anos e relembando o primeiro programa com o tema: “Amor escrito com sangue”.
30 de maio	Impacto Esperança , distribuindo o livro <i>A Maior Esperança</i> .
19 a 26 de setembro	Semana da Esperança e Batismo da Primavera .



Erton Köhler, doutor honoris causa, é presidente da Igreja Adventista para a América do Sul

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Coração saudável

Dicas para aumentar a eficácia da Escola Sabatina

James Howard

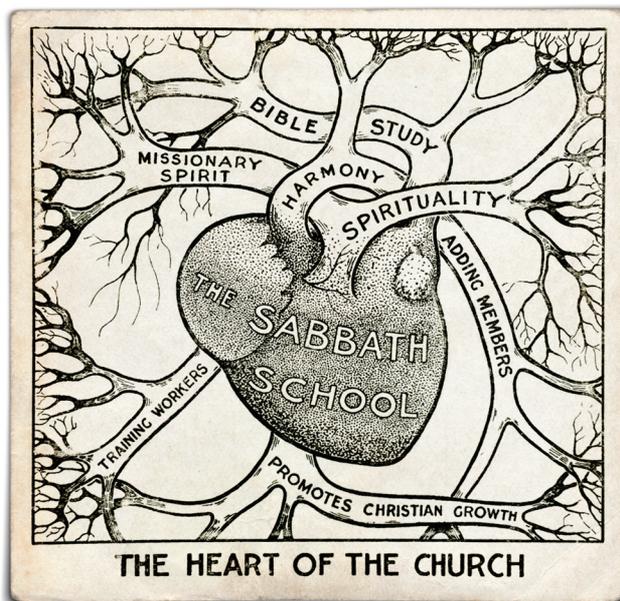
Em algumas igrejas, a Escola Sabatina está prosperando. Os membros estão crescendo espiritualmente, visitantes a frequentam regularmente e todas as classes estão envolvidas em atividades missionárias. No entanto, em outras congregações, a Escola Sabatina se encontra enfraquecida, sem nenhuma perspectiva de melhora. Há algo que os pastores possam fazer para reverter esse quadro?

Um recurso essencial para encorajar e inspirar os pastores em relação a esse assunto é o livro *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*. Nele, Ellen White declara: “A influência que provém da Escola Sabatina deve melhorar e engrandecer a igreja.”¹ Isto deveria ser música aos ouvidos dos pastores: a Escola Sabatina pode melhorar e ampliar sua igreja! Vamos considerar como essa pode ser sua realidade.

Dê o exemplo

Se você deseja aumentar a frequência dos membros à Escola Sabatina precisa dar o exemplo. No entanto, parece cada vez mais comum os pastores não participarem do programa, mesmo estando na igreja. Enquanto as classes estão reunidas, alguns ministros são vistos revisando o sermão ou conversando com algum líder nos corredores do templo. Em pouco tempo, os membros começam a seguir o exemplo do pastor e se envolver em atividades paralelas, em vez de se juntarem às classes. Com essa atitude, uma mensagem é transmitida: a Escola Sabatina não é importante.

Naturalmente, nem sempre os pastores poderão frequentar a Escola Sabatina. Mas, assim como Jesus ia à sinagoga todos os sábados, “como era seu costume” (Lc 4:16),² o costume de todo pastor deveria ser estar na Escola Sabatina sempre que possível. Mostre pelo exemplo que ela é parte vital da experiência de adoração aos



Fonte: *Sabbath-School Worker*; jun. 1922, p. 162.

sábados, não uma atividade opcional. Em muitas igrejas, a frequência à Escola Sabatina é pequena quando comparada ao culto de adoração. A partir dessa realidade, os pastores devem salientar a importância da Escola Sabatina em seus sermões. Prepare mensagens sobre a história, o propósito e a missão da Escola Sabatina e o valor da comunhão nas classes. Certifique-se de inserir algumas das muitas afirmações de Ellen White sobre o valor e a importância desse ministério.

Valorize a presença

Os pastores devem ensinar aos membros da igreja sobre a importância da presença na Escola Sabatina, não apenas para benefício pessoal, mas como parte do pastoreio mútuo. Paulo admoestou: “E consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia” (Hb 10:24, 25). Observe que o propósito de estar reunidos na igreja é considerar e exortar “uns aos outros”. Não é apenas para nosso ganho espiritual que devemos frequentar a Escola Sabatina, mas também nos apoiar uns aos outros, orar uns pelos outros e nos incentivar na prática do amor e das boas obras.

Quando poucos participam de uma reunião, isso tende a ser desanimador; quando muitos participam, gera ânimo e incentivo a todos. Muitas pessoas não percebem que a vida e a força da igreja dependem, em grande parte, da presença consistente de seus membros. É por isso que frequentar os cultos e as reuniões da igreja deve ser ensinado como um hábito espiritual. Nem sempre vamos *sentir* disposição para ir à Escola Sabatina, mas podemos escolher participar dela pela fé.

Melhore a qualidade

Pode ser difícil reconhecer, mas talvez a razão pela qual algumas pessoas não

frequentem a Escola Sabatina é porque elas acham o programa enfadonho demais. Não que isso seja uma boa desculpa para não comparecer, mas uma exposição monótona não ajuda em nada. “Nossas Escolas Saba- tinas devem tornar-se mais interessantes.”³

Às vezes, podemos ser nossos piores inimigos. Quando a frequência à Escola Sabatina começa a diminuir, escolhemos membros com menos dons nas áreas de comunicação e ensino para servir como di- retores ou professores nas classes. Então, remanejamos os elementos mais interes- santes da Escola Sabatina para o momento do culto. A lógica é compreensível. Quere- mos que as pessoas mais talentosas e os recursos mais importantes estejam no mo- mento de adoração, quando todos estão presentes. Mas, se reservamos o melhor para o culto e deixamos a Escola Sabatina enfraquecida, não damos às pessoas ne- nhum incentivo para que elas participem, agravando, assim, o problema.

Não espere até que a frequência au- mente para começar a se concentrar na ex- celência de seu programa. Lute para fazer da Escola Sabatina algo que os membros não queiram perder; então, seja paciente com os indicadores numéricos. Como regra geral, você pode transferir elementos mais fortes para a Escola Sabatina sem prejuízo para o momento do culto.

Visite as crianças

Um dos fatores mais influentes no índice de presença à Escola Sabatina é a quali- dade do programa para crianças e jovens. Mesmo quando não veem necessidade de seu próprio crescimento espiritual, muitos pais ainda querem que seus filhos tenham a melhor experiência possível na Escola Sabatina. Isso dá aos pastores uma dupla motivação para investir na juventude. Pri- meiro, eles podem causar uma impressão duradoura e guiar as mentes juvenis para uma vida de serviço na obra de Cristo. Se- gundo, ao assegurar um bom programa para as crianças, elas podem se conectar com os pais e, muitas vezes, influenciar

no aumento do índice de presença dos adultos.

Os pastores devem visitar periodicamente as classes dos infantis, adolescen- tes e jovens para mostrar apreço e apoio aos alunos e professores. Seja amigável. Conheça todos pelo nome. Demonstrar in- teresse pelo que está acontecendo nessas divisões da Escola Sabatina será positiva- mente impactante para crianças, jovens, pais e professores.

Reavive a missão

Para muitas igrejas, uma pequena ex- posição da lição semanal resume todo o programa da Escola Sabatina. Embora o alicerce desse ministério seja o estudo da Bí- blia e a oração, seu foco principal sempre foi a missão, tanto mundial quanto local. A pro- moção missionária pode ter testemunhos inspiradores e relatórios de atividades, ca- pacitações, formaturas de escolas bíblicas e até mesmo batismos. A chave é simplificar o programa e manter o foco na missão. Con- sidera a seguinte ordem sugestiva:

1. Boas-vindas, música inicial e oração (5 min.)
2. Informativo Mundial das Missões (5 min.)
3. Testemunhos locais (5 min.)
4. Capacitação do Ministério Pessoal (5 min.)

Depois de iniciar a Escola Sabatina com música e oração, o foco se volta para a mis- são global, e o que a igreja está fazendo ao redor do mundo. Semanalmente, os rela- tos do Informativo Mundial das Missões se encaixam perfeitamente nesse momen- to.⁴ Na sequência, deve-se dedicar alguns minutos para testemunhos ou relatórios da igreja local. Finalmente, é importante que o Ministério Pessoal tenha tempo re- gular para capacitação missionária. Assim, o programa contempla a missão global, lo- cal e individual. A congregação pode não ter os três segmentos toda semana, mas manter esse cronograma para a maioria dos sábados garantirá que os membros estejam focados na missão.

“Toda igreja deve ser uma escola mis- sionária para obreiros cristãos.”⁵ Na es- trutura de nossa igreja temos uma escola que podemos utilizar para capacitar obrei- ros cristãos, a Escola Sabatina. Não co- meta o erro de pensar que os membros locais não se interessam pela educação e pelo treinamento para a missão. De fato, “muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinassem a começar”.⁶ Se os re- latórios da missão mundial são inspirado- res, os testemunhos locais são curtos e interessantes, e a capacitação individual é prática e encorajadora, será uma bênção para todos que comparecerem.

Aqueça a igreja

Se a frequência está baixa, talvez seja porque o elemento vital da *comunhão* não esteja recebendo a atenção que me- rece. Muitos pastores aprenderam que os pequenos grupos podem nutrir seus membros, fornecer orientação espiritual, satisfazer necessidades sociais e criar la- ços duradouros de amizade. Entretanto, muitos falham em tirar proveito da estru- tura de pequenos grupos já existente na Escola Sabatina.

Assim, organize as classes em peque- nos grupos, de modo que os membros possam facilmente interagir uns com os outros, em vez de adotar o sistema de li- ção geral. Embora alguns possam preferir a natureza anônima de uma classe grande, com pouca ou nenhuma participação, esse formato raramente os fideliza. No fundo, a maioria das pessoas gosta quando os ou- tros se interessam por elas e demonstram atenção genuína. Os pastores devem ensi- nar sobre a importância da hospitalidade para com aqueles que frequentam a Es- cola Sabatina e a igreja.

Além disso, os ministros devem encora- jar os membros a participar de uma classe da Escola Sabatina. Esse é o melhor lugar para compartilhar lutas, orar juntos, fazer perguntas, obter esclarecimentos sobre as- suntos difíceis e crescer espiritualmente. Assegure-se de que haja um projeto para

contatar e encorajar aqueles que faltam à Escola Sabatina, ocasional ou frequentemente. Muitas pessoas nunca comparecerão à Escola Sabatina, ao sentirem que ninguém, de fato, se importa com elas.

Convide pessoas

Para aumentar a frequência, os pastores devem encorajar professores e membros a ser intencionais ao convidar pessoas para a Escola Sabatina. Quando o trimestre está chegando ao fim, todo professor deve convidar a classe para estar junta no próximo trimestre. Dessa maneira, tanto o professor quanto os membros devem ser promotores da Escola Sabatina, convidando outros para sua classe.

Antes de iniciar o culto, professores e alunos podem ficar no rol de entrada da igreja, convidando aqueles que não frequentam a Escola Sabatina a participar das classes. O convite pode ser acompanhado de um folheto promocional ou um exemplar da Lição da Escola Sabatina do trimestre seguinte. É importante que os promotores sejam cordiais, mostrando interesse genuíno por todos os membros ausentes.

As classes podem fazer disso um projeto missionário. Cada membro deve orar por uma pessoa e convidá-la a participar da Escola Sabatina. Entre elas podem estar ex-membros da igreja, membros que não frequentam as classes ou amigos da comunidade.

Capacite os professores

Igrejas com grandes pregadores geralmente têm grande número de frequentadores. Pode não ser o motivo mais nobre para participar do culto, mas essa é uma realidade. As pessoas amam boa pregação e bom ensino. Assim, uma das razões pelas quais muitos não frequentam a Escola Sabatina, se formos honestos, é que eles estão insatisfeitos com a qualidade do ensino. Os pastores podem ajudar, realizando capacitações para professores.

Capacite os professores para (1) manterem uma vida de comunhão com Deus; (2) nunca ensinarem sem o devido preparo; (3) encorajarem a discussão e interação; (4) manterem-se no propósito da igreja; (5) tirarem ideias da Lição da Escola Sabatina, mas ensinarem principalmente a Bíblia; (6) certificarem-se de que os pontos principais e as lições práticas sejam claros; (7) orarem por e com seus alunos; (8) serem gentis e atenciosos; (9) visitarem seus alunos e trabalharem pessoalmente por eles; e (10) incentivarem os alunos a ganhar almas.

O objetivo da capacitação é ajudar os professores a desenvolver seus dons e eliminar erros comuns. Ao garantir que todos recebam treinamento em áreas-chave, os pastores podem melhorar significativamente a qualidade da Escola Sabatina e, conseqüentemente, acompanhar o aumento do número de participantes.

Incentive o serviço

Além do programa missionário, no qual toda igreja se une para inspiração e treinamento, as próprias classes devem se engajar na missão. O formato de pequenos grupos é perfeitamente adequado para um alcance efetivo: "A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar." "Haja em toda igreja grupos bem organizados de obreiros para trabalhar nas vizinhanças dessa igreja."⁷

Os pastores devem motivar os líderes da Escola Sabatina a pedir que cada classe adote um projeto missionário trimestral. Por exemplo, escolher um livro ou folheto missionário e distribuí-lo em determinada região, identificar famílias em dificuldades e planejar atos intencionais de gentileza ou elaborar uma lista das pessoas que não podem sair de casa devido à idade ou a problemas de saúde e visitá-las. As possibilidades são muitas! Em seguida, peça a cada classe que

compartilhe com a igreja seu testemunho na Escola Sabatina.

É importante destacar que as pessoas são mais engajadas quando se sentem parte de algo relevante. Mais do que ir à reunião semanal, os membros participarão de maneira mais consistente se estiverem envolvidos em outras oportunidades de comunhão e missão. Assim, o propósito da Escola Sabatina será plenamente realizado: "O objetivo da Escola Sabatina deve ser a conquista de almas."⁸

Robert Pierson, ex-presidente da Associação Geral, escreveu: "Desde crianças, nós, adventistas do sétimo dia, fomos ensinados que a Escola Sabatina é o coração da igreja, e assim é."⁹ Assim como o coração dá vida ao corpo, uma Escola Sabatina vibrante dá vida à igreja. Se o número de participantes da Escola Sabatina estiver baixo em sua igreja, vá ao Doador da Vida. Ore e peça a Deus que aumente o número de alunos da Escola Sabatina. Então, com Jesus ao seu lado, trabalhe usando as dicas deste artigo e outras que o Senhor lhe der. Que Ele abençoe seus esforços e que a influência de sua Escola Sabatina melhore e amplie sua igreja. **TM**

Referências

¹ Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 9.

² Textos bíblicos da Nova Versão Internacional.

³ White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 114.

⁴ Ver <https://www.adventistas.org/pt/escolasabatina/projeto/informativo-mundial-das-missoes/>.

⁵ Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 59.

⁶ White, *Serviço Cristão*, p. 59.

⁷ White, *Serviço Cristão*, p. 72.

⁸ White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 61.

⁹ Robert H. Pierson, "The Heart of the Church", *British West Indies Visitor*, n. 6, junho de 1948.



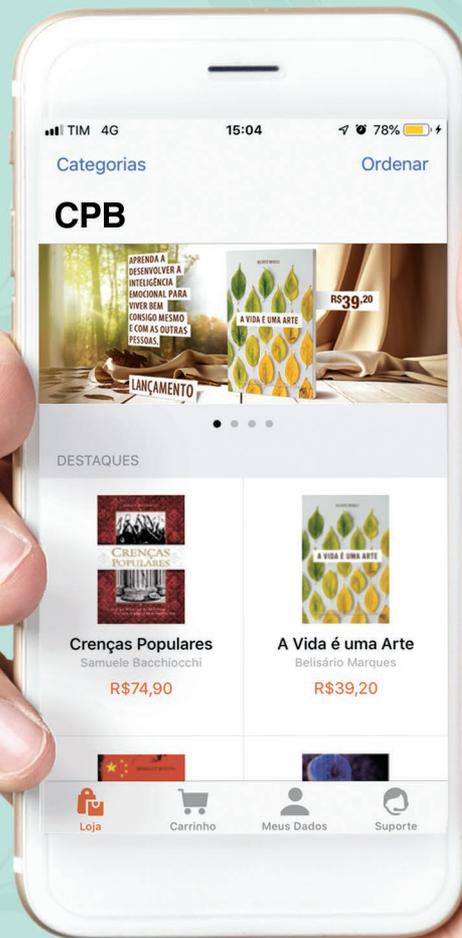
Gentileza do autor

James Howard é diretor associado de Escola Sabatina e Ministério Pessoal para a sede mundial da Igreja Adventista

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

BAIXE O APP CPB

Chegou o App oficial de compras da Casa Publicadora Brasileira. Compre livros, lições, meditações e todos os nossos produtos de qualquer lugar. Se precisar de ajuda, você pode falar conosco pelo WhatsApp diretamente do aplicativo.



MKT CPB | Fotolia

Conheça o APP pelo QR Code



Baixe gratuitamente:



E-vangelismo 2.0

Como utilizar as ferramentas digitais para alcançar pessoas para Cristo



Rachel Lemons Aitken

Quase tudo o que você precisa saber sobre ser pastor na era digital começa com um cajado. Para ser justa, é mais do que isso. Na Bíblia, encontramos um cajado nas mãos de Moisés. Por meio dele, Deus deu poder a Seu servo. Na maioria das vezes, o profeta usou a ferramenta de acordo com a vontade divina, embora em um momento de ira, também tenha se tornado um instrumento de desobediência.

Atualmente, quando enfrentamos as complexidades da era digital, podemos ter certeza de que estamos lidando com o mesmo Deus, mas com um cajado diferente. Assim como o Senhor perguntou a Moisés “Que é isso que tens na mão?” (Êx 4:2), Ele faz um questionamento similar hoje.

O que encontramos é uma infinidade de ferramentas digitais consideradas por alguns como distrações do inimigo, mas que são incrivelmente poderosas quando usadas para fazer a obra de Deus.

Discipulado digital

Costumo definir discipulado digital como o uso de todas as ferramentas e estratégias on-line que nos permitem responder a perguntas, fornecer conforto, atender necessidades, capacitar membros, dar suporte a influenciadores digitais, edificar comunidades virtuais e mostrar o amor de Jesus de maneira convincente.

Além disso, o discipulado digital reconhece as habilidades especiais dos membros da igreja apaixonados por tecnologia

e fortalece-os, como tem sido feito com líderes de Ministério Pessoal, professores da Escola Sabatina e diretores de Desbravadores.

Este artigo, portanto, apresenta maneiras pelas quais você pode levar sua igreja local a considerar ou refinar sua estratégia de discipulado digital. Além disso, descreve o ecossistema do evangelismo virtual e sugere algumas dicas de como começar a fazer esse trabalho.

Discipulado real e virtual

Uma qualidade singular da igreja é sua capacidade de criar comunidade e ser um lugar de transformação. No cristianismo apostólico, o senso comunitário era natural. Os membros estavam juntos e

compartilhavam problemas, sonhos, desejos, compromissos financeiros e o amor por Jesus e Seu chamado.

Atualmente, a tecnologia permite que amplifiquemos essa comunidade e amplifiquemos nossa mensagem para alcançar diferentes grupos com mais eficácia do que nunca. Ao considerar a prática do discipulado digital em sua congregação, é útil definir o que deve ser feito, quem deve fazer e como deve ser feito.

O que fazer

Ao sugerir que a igreja crie um plano de discipulado digital, tenha em mente que há três maneiras naturais de integrar essa ferramenta ao que você está fazendo ou quer desenvolver.

Atenda às necessidades das pessoas de sua comunidade no espaço digital. Pense em discipulado digital como o que você faz em seu site, mídia social e em grupos on-line para atender às necessidades de sua comunidade. Pode ser tão simples quanto encorajar os membros de sua igreja a compartilhar conteúdo evangelístico ou se engajar em conversas para ajudar pessoas que estão procurando respostas bíblicas na internet.

Continue atendendo às necessidades dos grupos para os quais você já ministra, mas também ofereça suporte a pessoas em suas mídias sociais, em fóruns ou no site de sua igreja. Por exemplo, considere ter uma seção em seu site sobre educação, saúde ou oração. Organize um estudo bíblico on-line ou uma reunião de oração. Faça uma transmissão ao vivo de uma aula de culinária. Procure atender às necessidades das pessoas, sejam elas quais forem.

Atenda às necessidades das pessoas em sua comunidade de modo pessoal. O discipulado digital se torna poderoso quando permite que os membros da igreja se encontrem pessoalmente com seus contatos virtuais. Isso pode ser feito por meio de seminários sobre educação digital, cursos de fotografia ou aulas de informática para idosos. As necessidades específicas de sua

comunidade ajudarão a definir as melhores opções; portanto, conversar com ela para entender seus desafios é fundamental.

Utilize ferramentas digitais ou criativas. Use ferramentas que ajudem a cumprir os objetivos específicos de seus vários ministérios. Lembre-se, o discipulado digital é um ministério que serve os diversos departamentos da igreja e deve integrar-se aos seus planos. Portanto, você deve usá-lo como um meio para atingir um objetivo, não como um objetivo em si mesmo. Em outras palavras, não compre equipamentos de vídeo caros só porque todos estão comprando. Certifique-se de que está trabalhando para alcançar as pessoas mais acessíveis a você.

Com isso em mente, use as ferramentas mais eficazes. Muitas igrejas utilizam com sucesso aplicativos como WhatsApp, YouVersion ou Facebook. Alguns investiram em equipamentos de fotografia, áudio e vídeo. Seja qual for sua decisão, sempre use a tecnologia para ajudá-lo a alcançar seu objetivo evangelístico.

Quem deve fazer

Se não veio à sua mente nenhuma pessoa de sua igreja apaixonada por tecnologia para trabalhar nesse ministério, não se preocupe; o discipulado digital ainda é para você. Ele abre espaço para outros perfis apaixonados por compartilhar o evangelho. Certamente você encontrará um grupo de criadores de conteúdo, distribuidores, engajadores e curadores, para formar o que podemos chamar de ecossistema tecnológico.

Criadores. São admiráveis contadores de histórias, artistas talentosos e designers gráficos habilidosos que pegam conceitos e relatos bíblicos e criam representações que captam nossa atenção e nos levam a uma jornada de conhecimento. Além de celebrar talentos artísticos, também devemos reconhecer aqueles que desenvolvem sistemas e projetam plataformas digitais, pois criam a realidade digital de nossos sonhos.

Distribuidores. Eles fazem com que o conteúdo evangelístico seja visto pelas pessoas ao compartilhá-lo nas mídias sociais, em fóruns on-line e em grupos do WhatsApp. Esse esforço cria oportunidades de iniciar conversas.

Engajadores. Eles participam de conversas on-line de maneira convincente e cristã. O estágio de engajamento surge das conversas que temos on-line. De fato, é a pedra angular no processo de discipulado digital. O que você diz virtualmente pode ter um impacto enorme na vida de alguém ao seu redor. Estamos usando nossas conversas para levar pessoas a Cristo? Os engajadores não apenas respondem às conversas que começam em nossas plataformas virtuais; também participam proativamente de conversas relevantes em mídias sociais, sendo bons membros de grupos on-line.

A igreja tem a oportunidade de falar com a comunidade local e responder perguntas mediante seu envolvimento com as mídias sociais. Também tem a chance de construir relacionamentos por meio da interação com sites de empresas locais, grupos on-line e fóruns da comunidade, permitindo que façamos parte das discussões que acontecem em nossa região.

Curadores. Assim como um museu reúne os itens mais relevantes para serem exibidos, um curador ou administrador de mídia social pode selecionar o conteúdo da internet para facilitar a distribuição aos membros da igreja. Normalmente, as postagens das revistas adventistas, emissoras de rádio e TV denominacionais, contas institucionais e igrejas locais são ótimas fontes de conteúdo.

Como fazer

O discipulado digital é um ministério que deve apoiar os outros ministérios da igreja e integrar-se aos planos dos departamentos locais. Mais uma vez, você deve usá-lo como um meio para alcançar um objetivo, não deixá-lo apenas se tornar um fim em si mesmo. Então, o ponto de partida deve

ser considerado como aplicar os princípios de discipulado digital ao que você já está fazendo, ampliando seus esforços.

Pense como alguém em busca de informação religiosa. Depois de estudar o que você está fazendo e como o discipulado digital pode contribuir para isso, exercite a empatia. Precisamos pensar como alguém à procura de uma igreja, à medida que estruturamos nossos sites e mídias sociais. Se você estivesse procurando uma igreja, que perguntas faria? O que o motivaria a visitá-la? Que dúvidas teria sobre o evangelho? O que o encorajaria a perseverar em tempos difíceis?

Mostre aos visitantes on-line como a vida pode ser se eles forem parte de sua comunidade. Dê-lhes um vislumbre dos acontecimentos, da vida espiritual e dos amigos que farão. Mostre-lhes como podem ter suas perguntas respondidas. Seja autêntico ao exibir fotos das atividades da igreja. Ser real on-line pode fazer uma enorme diferença!

Lembre-se de que a gestão de seu website ou o design de suas mídias sociais não são uma ciência exata, e poderão exigir revisões e ajustes contínuos. Saber que você pode testar, alterar e atualizar conteúdos pode aliviar a pressão de sempre querer acertar de primeira. Mais importante, entenda porque você está postando cada conteúdo.

Valorize os talentos dos membros especialistas em tecnologia. Na igreja, nem sempre criamos espaços para os especialistas em tecnologia colocarem seus talentos ao serviço de Deus. Inserir os princípios do discipulado digital no planejamento estratégico de sua congregação pode permitir que mais pessoas sintam que ela valoriza seu tempo e seus talentos. Reconhecer os dons desses especialistas em tecnologia e convidá-los a ser parceiros no ministério é parte essencial do discipulado digital.

Identifique as necessidades específicas do seu público-alvo. Revise os ministérios da igreja e entenda qual é seu público-alvo.

Veja se é possível ampliar suas ações por meio de uma estratégia digital. Você pode direcionar anúncios para grupos específicos com base em dados demográficos e comportamentais.

Além disso, pode aprender mais sobre as necessidades deles, entendendo onde estão on-line. Se alguém está lutando com um problema, talvez esteja buscando uma solução. Verifique o que eles curtem no Facebook ou seguem no Instagram. De quais grupos fazem parte? O que estão dizendo? Quais necessidades expressam? Use essas informações para definir como abordar a comunidade que deseja alcançar.

Atenda às necessidades de sua comunidade virtual por meio de ferramentas digitais. Questione continuamente o que você está fazendo on-line. Certifique-se de que usa o melhor método possível para atender às necessidades de sua comunidade digital. Utilize ferramentas que o ajudam a alcançar seus objetivos e a conhecer a comunidade na qual está inserido, virtual ou pessoalmente.

Seja intencional em suas transmissões on-line (lives). Muitas pessoas não querem ou não podem entrar em uma igreja, mas ainda estão dispostas a assistir anonimamente a um culto on-line. Elas têm o coração pronto para ouvir mensagens espirituais, mas se sentem intimidadas em participar de alguma programação local.

Ao promover relacionamentos virtuais, alguns que não estavam dispostos a comparecer à igreja podem frequentá-la. Outros que se afastaram podem voltar a envolver-se e encontrar renovação espiritual. Planeje suas *lives* com isso em mente.

Seja intencional em suas interações on-line. Aproveite a oportunidade para falar com seu público e fazer apelos específicos. Dê-lhes espaço em seu site ou mídia social e crie um ambiente espiritual para eles. Esteja disposto a interagir, em vez de simplesmente colocar uma mensagem no vazio da internet e esperar que Deus faça o resto.

Atenda às necessidades de seu público fora das transmissões de culto on-line. Embora as *lives* sejam importantes, você também deve oferecer maneiras de compartilhar conteúdo espiritual on-line fora da hora do culto regular. Isso pode incluir pequenos grupos, cultos de oração, *webinars*, séries evangelísticas, aulas de culinária e seminários sobre educação de filhos, entre outras coisas.

Procure construir relacionamentos on-line que encorajem as pessoas a frequentar sua igreja. O discipulado digital pode desempenhar um papel na familiarização delas com sua congregação, incentivando-as a participar dos cultos.

Crescendo no discipulado

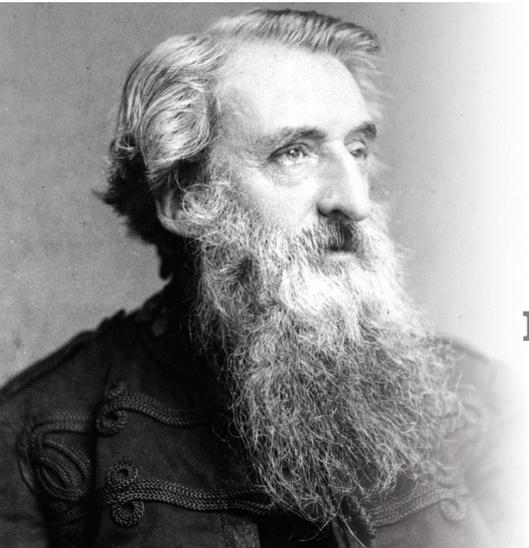
Um texto fundamental para o discipulado digital é Romanos 12:15: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram.” Faça disso sua prática no ambiente on-line. As igrejas locais têm uma variedade de opções para se conectar com as pessoas no universo digital. Participe das conversas com palavras sábias. Envolve-se com as alegrias e tristezas de seus contatos virtuais, assim como você faz com aqueles que estão ao seu redor.

É importante destacar que todas as ferramentas digitais disponíveis devem ser usadas com sabedoria e discernimento. Ainda dependemos de um relacionamento próximo com Deus. Por meio da oração, colaboração e pensamento estratégico, peça ao Senhor que oriente você e sua congregação sobre como se portar no universo virtual para ajudar pessoas a crescer no discipulado. Lembre-se: mesmo Deus – cado diferente! **TM**



Rachel Lemons Aitken, mestre em Administração, é fundadora e líder do ministério Digital Discipleship, na Austrália

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

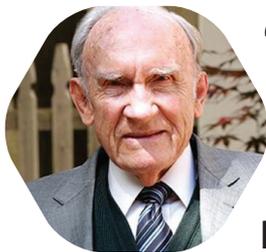


“A grandeza do poder de um homem está na medida de sua entrega a Deus.”

William Booth

“O conflito é o anestésico da paixão missionária. A unidade é a cultura em que floresce o testemunho.”

Mark A. Finley



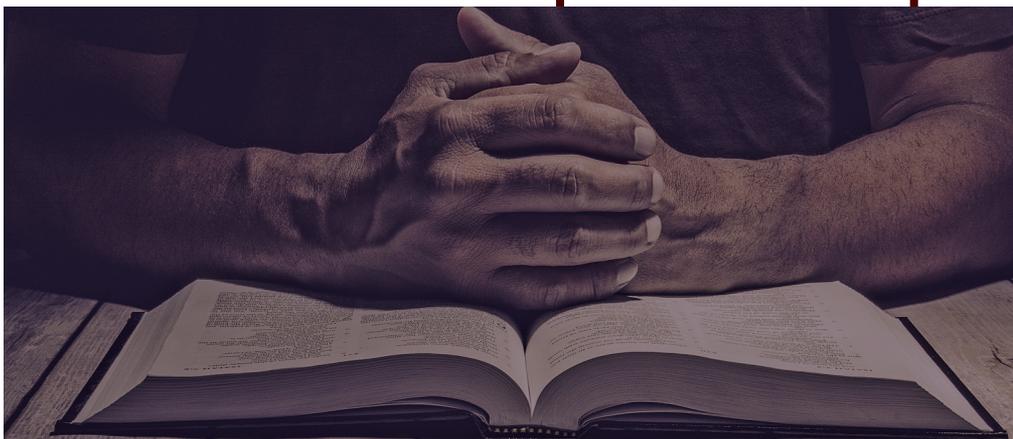
“A verdade é que os santos da história oravam por horas que pareciam minutos, e nós oramos por minutos que parecem horas.”

Russell Shedd



“A coragem para a qual Deus nos chama é fazer mais do que atos de bravura. É pensar, planejar e agir em favor do povo de Deus, enquanto esperamos nossa redenção final!”

Bill Knott



“Antes de experimentar o arrependimento, precisamos ser tocados pelas boas-novas do evangelho. Após ouvir e aceitar as boas-novas, estamos prontos para ouvir os imperativos do evangelho.”

Jirí Moskala

DAS PALAVRAS ÀS AÇÕES



Dez princípios para viver a liderança servidora na prática

Adolfo Suárez

Nos últimos anos, dois títulos se destacaram nas livrarias por tratar do tema liderança servidora: *O Líder Servidor*, de James Autry (Verus, 2010); e *Como se Tornar um Líder Servidor*, de James Hunter (Sextante, 2011). Milhões de líderes, tanto de empresas quanto de igrejas, compraram esses livros, tornando-os *best-sellers* mundiais. Em seu devido contexto, eles são úteis e apresentam *insights* interessantes.

Este artigo, porém, não está baseado nessas obras. Minha reflexão tem como base João 13, um dos capítulos bíblicos essenciais para aprender como se vive a liderança servidora. De longe, os princípios apresentados nesse capítulo são muito mais profundos e transformadores do que os encontrados nos dois livros mencionados. Em João 13 é possível encontrar pelo menos 10 elementos fundamentais para quem deseja ser um líder servidor.

Antes de explorar cada um deles, quero dizer que, na Bíblia, liderança servidora não se trata de um discurso comovente ou filosófico. Nas Escrituras, o conceito é apresentado como sendo um estilo de vida fundamentado na percepção de que

o outro é importante e, por isso, deve ser o centro de minhas ações. Em Mateus 20:28, Cristo afirma que veio para servir, não para ser servido: essa é Sua ideologia. Em João 13, Ele exemplifica Sua ideologia. Assim, Mateus 20:28 é a teoria; João 13, a prática.

Amor

“Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13:1).

Jesus amava as pessoas. Suas palavras eram precedidas por gestos de amor; Sua morte foi precedida pelo Seu amor. Para Ele, tudo começava com amor. O texto diz que Cristo amava Seus discípulos com amor infinito. A Bíblia afirma que Ele cumpriu Sua missão por amor.

João afirma que Cristo “amou-os até o fim”. O verbo usado pelo apóstolo é *agapao*, que significa “receber as pessoas com alegria, acolher as pessoas, gostar muito de pessoas, amar ternamente as pessoas”. O que Jesus demonstra é que o líder servo ama ternamente as pessoas, acolhe seus liderados e os recebe com alegria. Isso significa que ele traça seus planos em função das pessoas. Em linguagem

contemporânea, o líder servo pode ser facilmente identificado em contraposição ao chefe. Ao planejar, o chefe prioriza estruturas, equipamentos e processos; por sua vez, o líder servo prioriza pessoas. O chefe enfatiza números e orçamentos; o líder servo enfatiza pessoas.

Evidentemente, líderes servos precisam de estruturas, equipamentos, processos, números e orçamentos. Entretanto, eles fazem girar tudo isso em torno de pessoas; os recursos estão à disposição das pessoas.

Aceitação

“Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus” (v. 2).

A cena é impactante: Cristo está participando de um momento familiar muito bonito, com profundo significado religioso. Diante Dele há doze homens, Seus discípulos. Dois deles são traidores: um colaborará diretamente com Sua morte; o outro não tem ideia do que fará antes que o galo cante. Mas a expressão “amou-os até ao fim” inclui esses dois traidores, e tantos outros que viriam ao longo dos séculos.

É fácil amar os bons liderados, aqueles que cumprem as metas, alcançam os alvos, são atenciosos ou fazem perguntas inteligentes. É fácil ser educado com

quem é educado conosco. Mas, como tratamos os liderados que nos causam problemas? Como lidamos com aqueles que são atrevidos e mal-educados? Como convivemos com os traidores?

É no trato com os problemáticos que os líderes demonstram a essência de sua liderança. O líder servo ama aqueles que não merecem amor. Pessoas que julgamos que não são dignas de ser amadas, são justamente aquelas que mais precisam de nosso amor. Não há nenhuma virtude em ser amigo daquele que pode corresponder à nossa amizade. Não há mérito em se identificar com o liderado que sempre concorda com nossas ideias. Há, porém, virtude, quando amamos aqueles que sempre são os últimos; mérito, quando tratamos

escravo judeu. Contudo, era um serviço que a esposa devia ao marido, e os filhos, ao pai. Assim, a tarefa era considerada servil. Uma vez que não havia nenhum servo presente naquele lugar, um dos discípulos devia ter se encarregado da tarefa, mas nenhum deles se ofereceu para fazê-la.

Jesus contrariou as expectativas. Ninguém esperava essa atitude da parte Dele. Afinal, a toalha e a bacia do serviço combinam com subalternos, não com o chefe. Certamente a imagem do Mestre encurvado lavando os pés de todos ficou marcada na mente dos discípulos. Numa época em que não havia equipamentos fotográficos para captar a cena, o quadro ficou registrado na memória e se tornou um ícone para esses homens que revolucionaram o

Jesus reagiu foi espetacular: Em vez de críticas, o Mestre respondeu apresentando a Seu discípulo uma perspectiva de futuro. Jesus acreditava que Pedro entenderia as coisas, que amadureceria. Cristo estava certo: Pedro se transformou no primeiro grande líder da igreja apostólica.

Não temos o direito de duvidar das pessoas. Quantas vezes já pensamos sobre alguém: “Esse aí não tem jeito. Ele é assim mesmo, não vai dar em nada!” Talvez, no futuro, aquele adolescente rebelde ou aquela moça antipática se tornem excelentes profissionais, bem-sucedidos e totalmente envolvidos na missão da igreja. Imagine se daqui a alguns anos eles cruzarem conosco na rua. Se os tivermos desprezado, como eles olharão para nós?

E como vamos olhar para eles?

Eu gostaria de ouvir dessas pessoas: “Adolfo, aquelas palavras que você me disse no dia em que fui lhe pedir conselhos me ajudaram muito. Você acreditou em mim!” Você também não gostaria de ouvir essas palavras? Para tanto, precisamos acreditar que, um dia, as pessoas amadurecerão. Assim, Cristo nos ensina que devemos acreditar no talento dos nossos liderados e ajudá-los a desenvolver esse potencial.

Os membros da igreja precisam de exemplos corajosos, que estejam dispostos a mostrar-lhes o caminho e andar junto com eles. Devemos assumir esse papel.

com respeito e bondade aqueles que votam contra nós. Portanto, Cristo nos ensina que devemos amar as pessoas difíceis, mostrando-lhes que Ele veio salvar justamente aqueles que estavam perdidos.

Impressão

Cristo “levantou-Se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-Se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (v. 4, 5).

Segundo um costume judaico, lavar os pés do mestre era dever de um escravo estrangeiro, mas não era esperado de um

mundo. Você se lembra de uma ocasião em que fez algo inesperado e positivamente marcante em favor de alguém? Qual foi a reação da pessoa? Desse modo, Jesus nos ensina a fazer coisas positivas e marcantes pelas pessoas. Essa é uma maneira de mostrar nosso carinho e apreço por elas.

Confiança

“Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este Lhe disse: Senhor, Tu me lavas os pés a mim? Respondeu-lhe Jesus: O que Eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (v. 6, 7).

Em seu ímpeto, Pedro se comportou com total ingenuidade. Mas o modo como

Santidade

“Disse-Lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se Eu não te lavar, não tens parte Comigo. Então, Pedro Lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (v. 8, 9).

Jesus provavelmente fez referência ao costume de banhar-se antes de ir a uma festa. Assim, quando os convidados chegavam, somente os pés precisavam ser lavados. Evidentemente, a situação traz consigo uma lição espiritual: os discípulos deveriam ser purificados constantemente, pois o pecado sempre nos tenta e muitas vezes nos faz cair. Dessa maneira, o Mestre nos ensina que é nosso dever participar

ativamente da vida espiritual de nossos liderados, lembrando-os sempre da necessidade de uma vida pura e santa, processo que deve se renovar diariamente.

Transparência

“Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (v. 10).

Jesus não escondeu a verdade. Disse que alguém não estava limpo. E quem não estava limpo certamente entendeu o recado. Precisamos falar a verdade com sabedoria e cuidado, avaliar o desempenho do outro com transparência e justiça. Tanto quanto for possível, devemos evitar o confronto, mas não esconder os fatos. Precisamos compartilhar a avaliação negativa e dar o conselho que pode redirecionar a vida do nosso liderado. A verdade deve ser dita na hora certa e com as palavras adequadas. Ocultá-la, nesses casos, é negar ao liderado a oportunidade de crescer e amadurecer. Precisamos dizer a verdade com carinho, tato e responsabilidade. A partir de Seu exemplo, Jesus nos ensina que devemos ser transparentes e agir de maneira amorosa.

Sensibilidade

“Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos” (v. 11).

Algumas perguntas são muito pertinentes à função da liderança servidora, por exemplo: Como explicar o comportamento das pessoas? O que contribui para a fidelidade delas? Como elas aprendem? De que maneira podemos motivá-las a participar da missão? O líder precisa ter uma boa resposta para elas. Para isso, precisa conhecer a natureza e o comportamento humanos, conversando com especialistas, lendo bons livros e, principalmente, observando as pessoas. Lembre-se de que “a fim de guiar

pessoas para junto de Cristo” é necessário ter “conhecimento da natureza humana, bem como um estudo da mente humana”.¹ Assim, Cristo nos ensina que é necessário conhecer mais do que apenas o nome e sobrenome de nossos liderados. Precisamos conhecer bem a natureza humana.

Reflexão

“Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz?” (v. 12).

O momento foi prático, os elementos eram palpáveis: toalha, bacia e água. Mas Jesus sai do mundo puramente concreto e entra no mundo da abstração: “Vocês entendem o que Eu acabei de fazer?”. Infelizmente, João não descreveu a resposta, somente as palavras do Mestre. Cristo induz à reflexão, sugere sair do campo do pragmatismo e vai ao campo das ideias, do pensar: “Vocês entendem o que Eu acabei de fazer?” Ele nos ensina a provocar nos liderados a vontade de ir além da ação, a se aprofundar na compreensão dos atos e fatos.

Função

“Vós Me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque Eu o sou. Ora, se Eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (v. 13, 14).

Cristo havia acabado de praticar um ato servil: lavar os pés de todos os discípulos. Contudo, isso em nada diminuiu Seu papel. Ele continua sendo Mestre e Senhor. Continua ensinando e comandando. A tarefa simples e humilde não diminuiu Sua dignidade.

Assim, Jesus nos ensina que o líder servo deve ser humilde e consciente de sua atribuição. Todos temos uma função e exercemos influência. Todos nós ensinamos e lideramos. O Senhor colocou essas responsabilidades sobre nós, e precisamos honrá-las da melhor maneira e com humildade.

Modelo

“Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também” (v. 15).

Ellen White afirmou que “o cristão bondoso, cortês, é o mais poderoso argumento que se pode apresentar em favor do cristianismo”.² Essa declaração indica o poder do testemunho pessoal. Parafraseando, podemos dizer: “O exemplo de vida de um líder é o melhor ensinamento que ele pode dar.”

Infelizmente, a sociedade, de modo geral, é permissiva e não defende regras morais consistentes. Por isso, mais do que nunca, as pessoas precisam de orientação. Precisam saber que há líderes interessados em mostrar-lhes o verdadeiro sentido e significado da vida. Os membros da igreja precisam de exemplos corajosos, que estejam dispostos a mostrar-lhes o caminho e andar junto com eles. Precisam de modelos, pessoas em quem possam se espelhar e confiar; pessoas diferentes de tudo aquilo que veem diariamente. Devemos assumir esse papel. Esse é o desafio de Deus para nós. Com Seu procedimento, Jesus nos ensina que devemos ser modelos, exemplos positivos para aqueles com quem convivemos.

Conclusão

O líder cristão é um servo que está a serviço de seus liderados; seu lema deve ser: “Não estou nesta função para ser servido, mas para servir.” Afinal, a igreja não é um lugar para mostrar o que somos capazes de fazer ou a autoridade que temos nas mãos. Não! A igreja é um lugar para servir. **M**

Referências

¹ Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 1, p. 8.

² Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 122.



Adolfo S. Suárez, doutor em Ciências da Religião, é reitor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia

O lugar mais feliz



Cortezia do autor

Desde o momento em que iniciei minha caminhada com Cristo, o desafio tem sido compreender e aceitar Sua vontade e Seus planos para minha vida. A história de Abraão sempre me motivou. Esse herói da fé era inteiramente comprometido com Deus, a ponto de aceitar Suas ordens sem questionar e ir aonde o Senhor mandasse. Comentando a respeito do patriarca, Ellen White escreveu: "O lugar mais feliz da Terra para ele seria aquele em que Deus quisesse que ele estivesse" (*Patriarcas e Profetas*, p. 126).

No entanto, eu não sou Abraão, e também Deus fala audivelmente comigo dizendo exatamente aonde tenho que ir ou o que devo fazer. Nesse sentido, obedecer às ordens divinas, em questões mais específicas, torna-se um enorme desafio. Contudo, o Senhor jamais me desamparou. Ele tem usado maneiras diversas para me mostrar Seu querer. Uma delas foi como ocorreu meu chamado para ser missionário em terras estrangeiras.

Em 2011, ainda cursando a faculdade de Teologia, senti que Deus estava me impulsionando a um novo desafio. Procurei o Núcleo de Missões do Unasp, Engenheiro Coelho, e conversei com o pastor

Berndt Wolter. Conte-i-lhe sobre meu desejo de trabalhar como missionário em algum país da América do Sul e que já havia escolhido o Peru. Ele se ajeitou na cadeira e disse: "Fábio, veja bem, o Peru é um país que anda com as próprias pernas, e o evangelismo lá está indo muito bem. Eu creio que você precisa de algo mais desafiador, algo que vai exigir mais de você. O que acha do Uruguai?"

Tivemos uma longa conversa. O pastor Wolter me falou a respeito das dificuldades existentes nesse pequeno país: cultura liberal, ideologia política humanista e forte influência do secularismo europeu que ridiculariza a religião, afirmando ser ela algo retrógrado. Todos esses fatores repercutiam no crescimento lento da Igreja Adventista no Uruguai. Os preparativos foram feitos, e a viagem aconteceu. Durante os dez primeiros dias procurei me inteirar das particularidades do local e apoiar a União Uruguia no que fosse possível. Logo depois, uma parceria entre o Núcleo de Missões e a União Uruguia ajudou a realizar um evangelismo de Semana Santa. Na sequência, participei de séries evangelísticas durante três meses.

Em 2012, iniciei o último ano da faculdade. Contudo, uma dúvida pairava em meus

pensamentos: "Por que tudo isso aconteceu? Será que foi somente mais uma experiência para meu currículo?" A formatura chegou, e também meu casamento. Recebi um chamado para o estado do Rio Grande do Sul. Estava feliz pelas conquistas, mas inquieto e sem respostas para minhas dúvidas.

Quatro anos se passaram. Eu trabalhava como pastor distrital na cidade de Lajeado, RS. Certa manhã, enquanto organizava a agenda de compromissos, recebi um e-mail do pastor responsável por minha sede regional. Nele, dizia que a sede da Igreja Adventista para a América do Sul estava em busca de um pastor que estivesse disposto a trabalhar alguns anos como missionário no Uruguai. Naquele instante, senti que Deus estava respondendo minhas dúvidas. Mas ainda faltava algo muito importante: a opinião da minha esposa. Mostrei o e-mail para ela e perguntei: "Você estaria disposta a ir?" Ela abriu um sorriso e disse: "Vamos!"

Tivemos que passar por um processo seletivo, pois outros pastores também haviam se candidatado. Mas eu tinha certeza de que Deus estava nos chamando.

Há três anos, pastoreio um distrito na capital do país, Montevidéu. As dificuldades são diversas. As pessoas são resistentes ao evangelho, e é grande o preconceito em relação à religião. Apesar disso, a obra tem crescido, e o Senhor tem realizado milagres na vida de muitas pessoas. Cada dia estou mais convicto de que esse é o lugar que Ele, anos atrás, preparou para que estivéssemos. Apesar da distância da família e dos desafios naturais de uma cultura diferente, o lugar mais feliz é o lugar que Deus deseja que estejamos. **FM**

Fábio Martinelli é pastor em Montevidéu, Uruguai

Um submundo no ministério

Durante muitos anos, Siló, na região montanhosa de Efraim, foi a capital religiosa de Israel, abrigando o tabernáculo com a arca da aliança, até que ela fosse tomada pelos filisteus na batalha em Afeque. Nessa época, o povo era governado pelos juízes. Eli, um deles, era também sumo sacerdote, e tinha dois filhos, os quais cresceram vivenciando o ofício do pai no santuário.

Sob sua direção, os sacrifícios e ofícios do tabernáculo aconteciam dentro dos parâmetros instituídos. Eli, manso, bondoso e respeitado pelo povo, também foi transigente, condescendente e amante da paz e da comodidade. Como pai, abdicou da autoridade conferida por Deus, ignorando as más tendências dos filhos, esperando que amadurecessem naturalmente.

Assim, ele foi responsável pelo surgimento de um submundo no tabernáculo, onde corrupções e outros males eram cometidos por Hofni e Fineias. Sem a verdadeira reverência e compreensão do caráter de Deus e de Sua lei, esses sacerdotes inconversos banalizaram o serviço do santuário e seus sagrados simbolismos, cometendo grandes pecados à vista do Senhor e de Israel.

Envelhecido, Eli testemunhou a ilimitada decadência de seus filhos sacerdotes, e como também “se deitavam com as mulheres que em bandos se ajuntavam à porta da tenda da congregação” (1Sm 2:22). Tentava poupá-los da vergonha e da condenação pública, mas o povo, indignado, “desprezava a oferta do Senhor”. Como consequência, a impiedade e a idolatria predominavam.

Tarde demais, Eli tentou reagir, mas sem sucesso. Então, Deus interveio, e o sumo sacerdote viu os filhos serem mortos na



Photographie.eu / Adobe Stock

batalha contra os filisteus, sem a esperança de reencontrá-los um dia.

Seguir as próprias inclinações, ter afeição cega pelas próprias conveniências, ser condescendente na satisfação dos próprios desejos egoístas, abrir mão da autoridade de Deus para repreender o pecado e corrigir o mal tornaram Eli responsável pela condição moral e religiosa de seus filhos e de Israel.

Séculos depois, o Senhor ainda mantém Seu povo, cuja missão continua sendo tão sagrada quanto no tempo dos juízes. Têm os sacerdotes modernos feito uso da autoridade conferida por Deus para ordenar bem sua casa e a igreja?

No ministério também há um submundo. Estariam, porventura, homens e mulheres outrora chamados por Deus, participando desse submundo, enquanto deixam de contemplar Jesus para contemporizar com as conveniências próprias, preocupados com o poder ou poluindo a mente e o caráter com pornografia, prostituição, desonestidade e idolatria veladas? Por vezes, esses pecados permanecem na obscuridade, mas a ausência do vigor espiritual no trabalho pode denunciar alguma transigência.

Ellen White fez uma solene advertência: “Quando as pessoas usam seu chamado

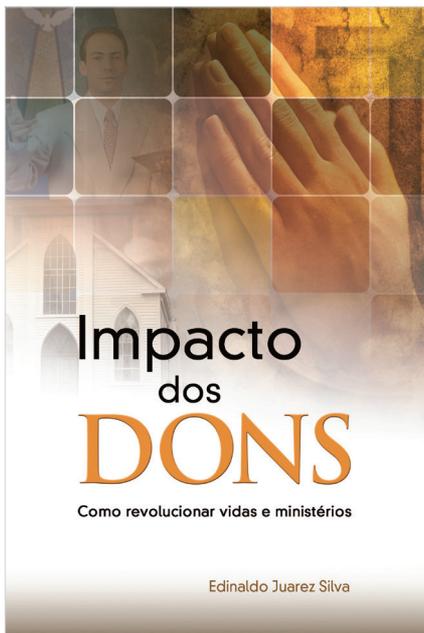
sagrado para encobrir prazeres egoístas e sensuais, elas se tornam agentes eficientes de Satanás. [...] Elas podem praticar suas más ações em segredo por algum tempo; porém, quando seu verdadeiro caráter é finalmente exposto, a fé do povo fica a tal ponto abalada, que o resultado é muitas vezes a falta de confiança naqueles que ensinam a Palavra de Deus. A mensagem daquele que serve fielmente a Cristo é recebida com descrença, e surge a pergunta: ‘Será que esse homem é igual àquele que imaginávamos ser tão santo e na verdade era tão perverso?’” (*Os Escolhidos*, p. 360).

Apesar dos grandes desafios enfrentados pelo pastor em seu trabalho, o testemunho da própria vida e de um lar ordenado ainda deve ser sua prioridade. Que cada ministro, juntamente com sua família, consagre-se diante do Senhor, a cada dia, permitindo que Ele purifique e dê a percepção da grande influência que exercem diante de um mundo entregue ao pecado. E que receba de Deus capacitação constante para cumprir sua missão! **M**



Cortezia da autora

Mirian Montanari Grüdtner é esposa de pastor, escritora, palestrante e especialista em Aconselhamento Familiar



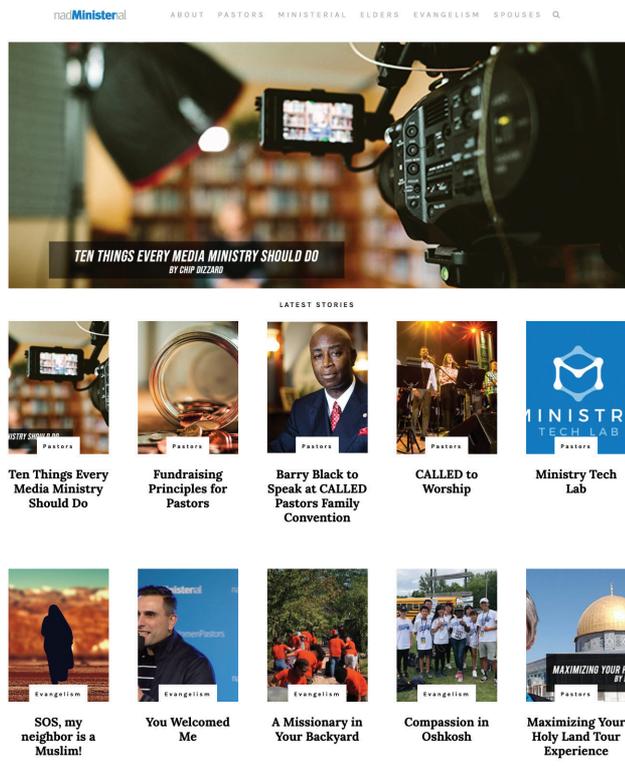
Impacto dos Dons

Edinaldo Juarez Silva, Casa Publicadora Brasileira, 2011, 155 p.

Todo cristão recebe pelo menos um dom espiritual. Todos podem ser úteis em algum ministério específico da igreja. Dom é uma manifestação da graça de Deus. A concessão dos dons espirituais é um projeto divino para equipar os santos, fortalecer o corpo de Cristo e facilitar o cumprimento da missão.

Para Edinaldo Juarez Silva, cada membro, com seu dom, é uma peça do grande quebra-cabeça de Deus no plano da salvação. A igreja é o instrumento divino para alcançar esse objetivo. Por isso, cada cristão precisa encontrar seu lugar para que a tarefa seja concluída com êxito.

O livro está dividido em quatro seções. A primeira mostra os elementos básicos dos dons espirituais e os passos para a descoberta deles. A segunda apresenta as listas dos dons espirituais e a análise deles, conforme aparecem em três epístolas paulinas. A terceira aborda a perspectiva da igreja orientada pelos dons. Nela, o autor explora a questão dos dons no cristianismo apóstolico e na igreja contemporânea, mostrando a necessidade do exercício deles como ferramentas para o ministério. A seção final enfatiza o poder do Espírito Santo como Agente capacitador dos dons. Este livro será de grande ajuda para pastores e líderes que estão empenhados em mobilizar a igreja para cumprir a missão que Cristo nos confiou.



NAD Ministerial

<http://www.nadministerial.com/>

Desenvolvido e mantido pela Associação Ministerial da Divisão Norte-Americana da Igreja Adventista, este site tem como objetivo fortalecer e equipar pastores e líderes no desempenho de suas atividades.

Nele você encontrará materiais sobre desenvolvimento pastoral, de anciãos e líderes de igreja; recursos para serem usados no evangelismo; ilustrações e esboços de sermões; vídeos sobre família, adoração, liderança; entre outras ferramentas

Seu foco e sua estratégia se mantêm atualizados por meio das redes sociais, promovendo a inovação e contextualização no âmbito congregacional, desenvolvendo recursos para o aperfeiçoamento da pregação e oferecendo oportunidades de crescimento vocacional para melhorar as habilidades pastorais.

Instrumentos de amor

Lembro-me do primeiro contato que tive com o assunto dos dons espirituais. Eu era um adolescente e participei de um seminário na igreja a respeito do tema. Depois das palestras, fomos submetidos a um longo teste destinado a descobrir quais eram nossos dons. Isso aconteceu algumas semanas antes da eleição dos oficiais da igreja.

Na semana seguinte, recebemos os resultados dos testes com uma lista dos ministérios nos quais poderíamos participar, de acordo com nossos dons. Como eu não havia manifestado interesse em participar de nenhum dos ministérios, o pastor logo me procurou. Em sua abordagem, ele destacou a quantidade de dons que eu possuía e mencionou que era um desperdício não usá-los para a Causa de Deus. Para terminar a conversa, o pastor usou a parábola dos talentos e me advertiu sobre as consequências que haveria para minha vida espiritual se enterrasse meus dons.

É normal que, como pastores, abordemos a questão dos dons espirituais do ponto de vista pragmático, relacionando-os com os ministérios que desenvolvemos como igreja. Afinal, os dons foram dados para edificar o corpo de Cristo e alcançar os não alcançados. No entanto, esse pragmatismo pode nos levar a considerar dons e ministérios como fins em si mesmos, quando, na realidade, eles são apenas meios, instrumentos que nos permitem demonstrar amor a nossos semelhantes através do serviço.

Por que eu não havia me oferecido para ajudar em nenhum ministério? Provavelmente, não tinha percebido a necessidade de amar o próximo e servi-lo por meio de algum ministério da igreja.

O apóstolo Paulo nos adverte contra uma visão limitada dos dons espirituais. De fato, eles têm a importante função de canalizar nosso amor pelo próximo e nossa necessidade de servi-lo. Essa advertência está expressa em um dos mais belos poemas do Novo Testamento: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se

não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, mas não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, mas não tiver amor, nada disso me valerá" (1Co 13:1-3, NVI).

Note que Paulo não está contrapondo o amor aos dons espirituais. Também não está dizendo que o amor é somente mais um dom. O que ele deseja transmitir é que o amor deve ser a *motivação* por trás do exercício de cada dom espiritual.

O amor é o que faz com que todos os outros dons e as outras ações tenham sentido. Se Paulo pudesse falar todas as línguas dos homens e dos anjos, seria somente barulho se não fosse motivado pelo amor. Se tivesse o dom de profecia, de tal forma que pudesse saber tudo, mas não tivesse amor, seu conhecimento seria inútil. Se pudesse mover montanhas por meio de sua fé, sem amor, seu poder não teria valor algum.

Mesmo o desprendimento, o ato de dar tudo o que se tem aos pobres, não tem valor sem a motivação do amor. Promover o ativismo religioso sem a motivação correta, fará com que a igreja, cansada e frustrada, logo desista. Por outro lado, promover o amor fará com que encontremos um modo prático de utilizar nossos dons em algum ministério.

Amemos e sirvamos. Mas incentivemos o uso dos dons como expressão do grande amor que Deus nos tem dado. "Portanto, desejem intensamente os dons mais úteis. Agora, porém, vou lhes mostrar um estilo de vida que supera os demais" (1Co 12:31, NVT). **M**



O amor é o que faz com que todos os outros dons e as outras ações tenham sentido."



Gentileza do autor

Marcos Blanco, doutor em Teologia, é editor da revista *Ministério*, edição em espanhol

Vem aí!



Semana de Ofertas

DE 18 A 24 DE NOVEMBRO

cpb.com.br

CPB livraria

0800-9790606

WhatsApp

 (15) 98100- 5073

Novo App CPB



Disponível em:



**FRETE
GRÁTIS**